

Para menores de 23 anos: "o crime que levou Vargas a morte!"

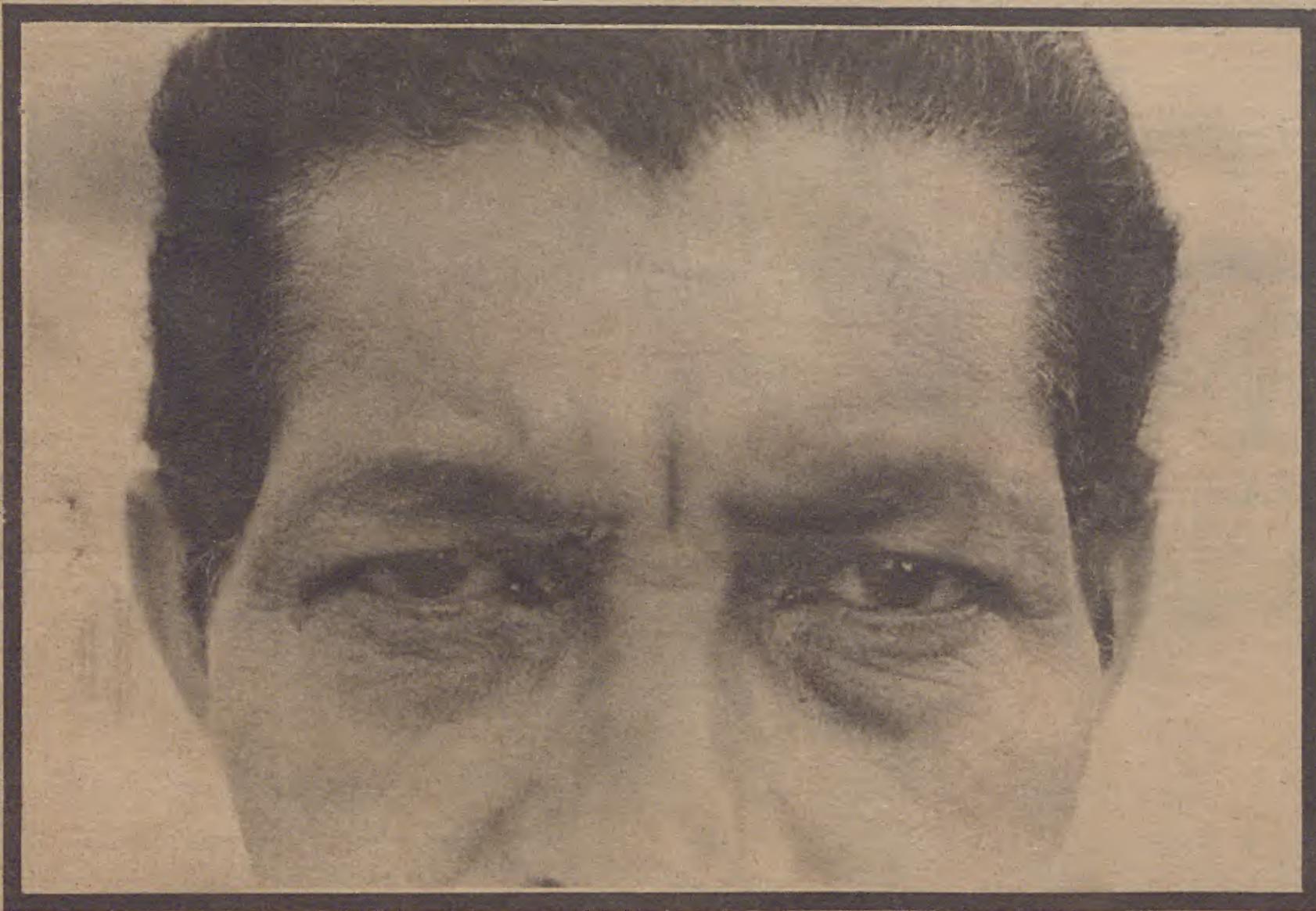
AQUI

CEMAP - BIBLIOTECA CLASS.

UM JORNAL A FAVOR DA INTELIGÊNCIA

31 de agosto a 13 de setembro de 1977 Ano II - Nº 94 Cr\$ 6,00

Alcino, o "pistoleiro" que mudou a História do Brasil:



NUNCA HOUVE PLANO PARA MATAR LACERDA!

Alcino João do Nascimento, hoje com 55 anos e em liberdade condicional depois de 22 anos na cadeia, conta com exclusividade sua versão sobre o histórico assassinato do major Rubens Florentino Vaz e nega ter dado um tiro no pé do jornalista Carlos Lacerda (foto ao lado). **P.10**



AQUI

SÃO PAULO

Acontecimentos políticos e policiais, eis a definição do coronel João Adyl de Oliveira, da FAB, homem que comandou a "República do Galeão", ou melhor, o Inquérito Policial Militar para apurar o assassinato do major Rubens Florentino Vaz - o célebre atentado a Carlos Lacerda, na Rua Toneleiros, em Copacabana, na madrugada de 5 de agosto de 1954. Hoje, 23 anos depois, esse crime que acabou dando motivo a muitos outros, menores e maiores, se re-investigado perde os contornos emocionais da época e ganha muito em clareza. Uma função que fica, afinal, para o jornalismo investigativo, coisa tão antiga quando a verdade dos fatos. Jornalismo que na época do crime, se praticava abertamente até mesmo em revistas semanais como a "pujante" O Cruzeiro, recordista de tiragens. Bons tempos aqueles quando gente como David Nasser, Arlindo Silva, e até mesmo o "sertanista" Jorge Ferreira, eram apenas jornalistas.

Hamilton Almeida Filho

Alcino, Elisa e o ex-crooner Palmério Dória de Vasconcelos



Conheci Palmério Dória de Vasconcelos, o "Valerio Doce", hoje um jornalista de 28 anos, cantando bossa-nova com todo o seu vigor amazônico na boate Pagode, em Belém do Pará. Perdemos um bom crooner, estilo antigo, o profissional que canta tudo. Idos de 71, começo da nossa mais longa reportagem juntos: Edição Amazônica de Realidade, que nos deu um Prêmio Esso Nacional de Jornalismo. Filho de Santarém, nas margens do Tocantins, neste Aqui nos brinda com seu encontro com Alcino João do Nascimento - um homem do povo que para o bem ou para o mal entrou na História do Brasil. Se a MPB perdeu um possível cantor, nós, os leitores e os jornalistas, estamos de parabéns. (Na foto, Elisa, Alcino e Palmério.) Página 10.

CAPA: Foto de Elvira Alegre (21 anos)

AOS NOSSOS LEITORES:

Aproveitando o próximo feriado, quarta-feira, 7 de setembro, o Aqui São Paulo dá um justo descanso ao seu quadro editorial. Assim como aproveita esse período para um remanejamento técnico. Voltamos às bancas com os números 95 e 96 fundidos em um só.

Os Editores

A CIDADE

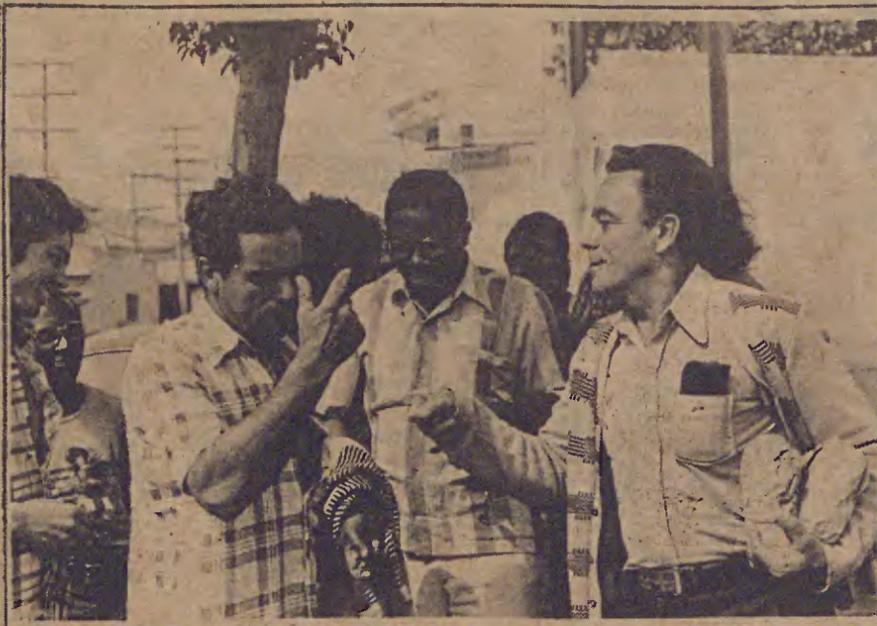
OS TRABALHADORES SÓ PASSAVAM SEIS DOMINGOS POR ANO COM SUAS FAMÍLIAS.



"Ei, repórter, chega aí. Chega mais..."



...aqui ninguém é subversivo..."



"A greve? Era pra ter, mas não teve..."

Na frente da indústria, estão os trabalhadores que marcaram uma greve (que não houve) para o dia 27. Por que não houve greve?

- Só não teve porque a firma mudou a escala do horário. Mas se ela não mudasse, teria greve sim, claro que teria - diz um deles.

- Seguinte, escreve aí: Zuza passa o domingo preso, trabalhando na firma, longe da família. Assim não dá, ninguém aguenta!

- Tá certo, Zuza, queremos o domingo. Viva o Zuza!

A resposta de Zuza foi definitiva, perfeita, para o grupo. Alguns ainda reforçavam os seus argumentos, dizendo que ali ninguém entendia das leis, pois "somos homens simples, pobres, de pouco estudo", mas que sabiam "muito bem" o que estavam querendo, ou seja: "O domingo livre. Como todo mundo, nós queremos folgar aos domingos. É só, é bem pouco, mas prá nós isso é tudo".

Cinco minutos antes das 14 hs esse grupo de 20 operadores de células começou a entrar pelo portão da fábrica de soda da Indústria Reunidas Francisco Matarazzo, em São Caetano do Sul. E às 14h e 10 min um outro grupo começa a sair dali. Esta cena se repete três vezes diariamente, durante os sete dias da semana, porque este setor de produção da Matarazzo não para um instante sequer.

Os trabalhadores que estavam de saída disseram que, na verdade, é esse sistema de "revezamento por turma" que os prejudica. Como trabalham apenas 110 operários, e a produção nunca pode parar, a indústria exige que eles operem os caldeirões durante sete dias consecutivos, para folgar somente no oitavo. E dessa forma, por força da tabela, todos ficam sete semanas seguidas sem folgar um domingo.

Durante o ano, esses trabalhadores convivem apenas seis

fins-de-semana com seus familiares. Por isso começaram a lutar pelo "domingo livre" e chegaram, inclusive, a organizar espontaneamente uma greve legal. Através de uma assessoria jurídica do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacêuticas da região do ABC paulista, eles descobriram que o sistema de revezamento a que são submetidos é ilegal.

(Os operadores da Matarazzo descobriram que a lei 4330 dá "direito de greve" ao trabalhador, em dois casos específicos. Um deles, quando o patrão atrasa o pagamento do salário, e o outro, se não for dada a folga obrigatória após o sexto dia de trabalho. Como a causa deles se enquadra nessa segunda hipótese prevista na lei, tudo ficou mais fácil).

A possibilidade de greve foi importante, pois como eles dizem, pela primeira vez deram provas de serem fortes e fundamentais à produção da indústria. Porque, na hipótese de pararem, como a fábrica de soda funciona com elementos químicos corrosivos, todo o sistema de tubulações e maquinarias seria arruinado de vez. E como são profissionais especializados, seria difícil para a Matarazzo conseguir outros, imediatamente.

O eletricitista João de Oliveira sabe que seu trabalho é importante, mas nem todos pensam da mesma forma - a maioria é insegura com relação à exigência de seus direitos. Ele não tem medo de represálias, pois tem o hábito de falar rigorosamente a verdade e mesmo porque - "assim tão pobre" - não tem nada a perder.

Incluindo os 20 por cento que ganha a mais pelo trabalho noturno, e mais as duas horas extras por dia, João recebe uma média de Cr\$ 4 mil mensais. Este salário, no entanto, é quase o dobro da média, pois ele, como é dos empregados mais antigos, também recebe adicionais por tempo de serviço. (Para os operadores a indústria paga entre Cr\$ 8,00 e Cr\$ 9,50 a hora, o que dá entre Cr\$ 2 e 3 mil mensais).

A função de João é distribuir a carga de energia vinda da Light, para todos os setores de produção. Ele fica na sua seção oito horas seguidas, sem descansar um minuto. "Eu não paro nem na hora do almoço. Quando chega o meio-dia, como as máquinas não podem parar, eu pego a marmita, sento no assaio e enquanto mastigo a comida, continuo controlando os painéis".

Se tivesse outra opção profissional, João sairia da Matarazzo, onde trabalha desde 1957, o mais depressa possível. Ele sente que, aos poucos, todos estão morrendo em volta daqueles caldeirões. Começou a pensar dessa forma depois de ter assistido à morte do operador Otávio e toda evolução da "doença de-seperadora" de seu amigo Boa Morte.

SOMOS NOS

AMEAÇARAM GREVE E CONSEGUIRAM TODOS. MAS AINDA HÁ OUTRAS REIVINDICAÇÕES.

— Todos nós, isso é verdade, sofremos da mesma intoxicação química que acabou matando Otávio. Podem examinar a mim mesmo porque essa doença surge, de repente, à flor da pele. Basta esfregar a mão no braço, por exemplo, que logo aparece um vermelhão. Com o tempo, essa marca vai se estendendo por todo corpo e aparece inclusive umas bolinhas escuras.

— Acho que a empresa deveria pagar taxa de insalubridade, mas não paga, e daí? Todos continuamos trabalhando, como fazia o Boa Morte, que não falhava nem mesmo quando estivesse atacado de uma doença grave. Teve dias, que ele trabalhava com uma febre de 40° e, inclusive, fazia duas ou três horas extras para melhorar o rancho da família.

— Eu jamais vou me esquecer do último dia de trabalho do Boa Morte. Magro, cadavérico, resfriado, fervendo de febre, ele já estava variando na frente de um caldeirão. Completamente tonto, ainda brincava de segurar as pálpebras para não dormir sobre as máquinas. Mas aí ele caiu desmaiado e foi levado para o hospital, onde está até hoje, intoxicado, em estado tão grave que não pode receber visitas.

Então, quando todos seus colegas também estavam decididos a lutar pelo "domingo livre", João não teve dúvidas em assinar o documento da greve, depois de uma assembléia realizada dia 11 de agosto na sede do sindicato. Aquela era a "única arma" dos trabalhadores numa antiga luta judicial contra a direção da IRFM. E parece que ele está certo. Pelo menos 48 horas depois da assembléia, a empresa — que antes jamais admitia negociações trabalhistas — resolveu cumprir parte das exigências dos operários.

As reclamações dos trabalhadores à justiça, começaram em outubro de 73, mas somente depois da ameaça de greve a direção da indústria propôs uma solução; uma nova escala de revezamento que altera o sistema atual (sete dias de trabalho por um de folga) pra cinco por um. E os trabalhadores aceitaram a proposta, que começou a vigorar em 1° de setembro, em "caráter

experimental", como diz o vice-presidente do sindicato dos trabalhadores, Vicente Silveira.

A história da "luta judicial" começou oficialmente em maio de 74, quando o sindicato dos trabalhadores denunciou à Delegacia Regional do Trabalho o sistema de revezamento adotado pela indústria, as condições insalubres do ambiente, as horas extras "em quantidade tão elevada" e exigiu uma "profunda e completa" vistoria no local de trabalho.

A DRT abriu um processo contra a indústria, e mandou o inspetor Cassio Celso Tavares fiscalizá-la. No seu primeiro dia, Cassio examinou os cartões de ponto do empregado Orlando Silveira, chapa 7052, da turma A e o de José Pereira da Silva, chapa 7018, e, a partir das informações obtidas também em outros cartões, foi descobrindo uma série de irregularidades.

Uma das primeiras coisas que descobriu é que a escala de revezamento mensal é ilegal, pois contraria o artigo 2° da portaria ministerial 117, de 28 de fevereiro de 1964. Constatou que, além dos operários trabalharem continuamente durante os sete dias da semana, eles não tinham o intervalo de uma hora para as refeições. Naquele dia, Cassio multou três vezes a Matarazzo e fez um relatório minucioso da "diligência".

A partir do relatório de Cassio, Chefe da Seção de Atividades Culturais e Assistenciais do DRT, Leila Nahas, convocou uma mesa-redonda, requerida pelo sindicato dos trabalhadores, para que a direção da indústria se manifestasse sobre as irregularidades. Mas os diretores não participaram da mesa-redonda e nem foram às reuniões seguintes convocadas pelo sindicato e pela DRT, o que, nos termos do chefe da S.A. C.A., é uma prova de desrespeito pela autoridade: "Indústrias de menor ou maior porte que a Matarazzo nunca se recusam a comparecer a esta delegacia, por mais grave que seja a denúncia".

Antes de ser ameaçada pela greve, a Matarazzo foi multada dezenas de vezes (multas irrisórias, no valor aproximado de dois salários mínimos) e os diretores justificavam aos fiscais da

D.R.T. que não mudavam seus métodos administrativos porque "os empregados são os maiores interessados na manutenção do regime de revezamento há muito tempo estabelecido".

Esta versão da empresa, porém, foi sendo desmentida nos últimos meses. Na assembléia do dia 11, por exemplo, 100 dos 119 operários votaram a favor da greve e também denunciaram que a empresa não paga a hora de repouso para as refeições, embora a direção afirme o contrário. O certo, porém, é que, enquanto aguardam o resultado prático da questão judicial, eles estão entusiasmados.

João de Oliveira, por exemplo, deixou de se queixar, de falar em má sorte e até mesmo de sentir inveja de seu amigo e vizinho, Alcino, que mora em frente de sua casa. "Acho que a minha fase de azar está acabando. Antes eu sofria muito quando, aos domingos, eu via o Alcino em casa consertando a cerca ou o telhado



e eu tendo que ir trabalhar. Mas agora, não, as coisas vão mudar, tenho certeza.

Com folgas sistemáticas nos fim-de-semana, a primeira coisa que João faria era passar "48 horas interirinhas" na companhia de Elza e dos três filhos. Depois levaria a família para assistir um jogo do São Paulo, no Morumbi, pois ele nem sabe mais "que jeito o estádio tem". Na semana seguinte viajaria para Santos, depois para o Rio de Janeiro, em seguida para São José dos Campos, Campinas, Itú e todas cidades do interior, porque não conhece nenhuma delas. Ele mora com sua mulher, El-

za, e os três filhos numa casa de dois cômodos da Vila Califórnia, em São Caetano do Sul. A casa é pequena para a família, o aluguel custa uns mil cruzeiros, mas João não se incomoda. Todos cinco dormem no mesmo quarto e como ele gosta de morar numa casa que tenha sala e cozinha, resolveu o problema da seguinte forma:

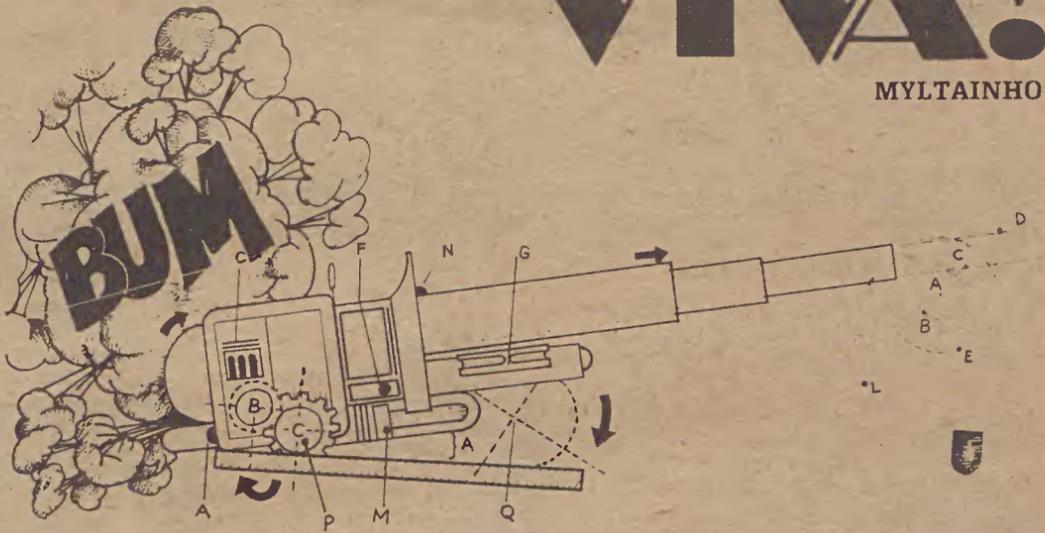
— Como só temos dois cômodos, botei essa mesa aqui no meio e tudo ficou resolvido. Daqui prá lá é cozinha, tem fogão, armário, pia... E daqui prá cá é a sala, veja, ali está a televisão, o refrigerador e o resto.

Por Caco Barcelos

(A favor da inteligência, sim! mas completamente neutro em burrice.)

INTELIGENCIA VIVA!

MYLTAINHO



ALUI SÃO PAULO
31 de agosto a 13 de setembro de 1977.
Fundador: Samuel Wainer
Diretora-Superintendente: Maria Eliza Machado da Silva
Editor - Chefe: Hamilton Almeida Filho

94

Secretário de Redação: Myllon Severiano da Silva; Uirapuru Mendes; (texto): Chefe de Reportagem: Mônica Teixeira; Tania Nogueira, Palmério Dória, Caco Barcelos, Rosely Forganés, Adyel Ferreira da Silva, Sérgio Pinto de Almeida, Ivo Patarra, (repórteres) Sergio Fujiwara, Valdir de Oliveira, Virginia Fujiwara (arte-diagramação) Luiz Saiti Komyama, Paulo Caruso (ilustrações) Elvira Alegre (fotografia); Jorge Cunha Lima; Mário Ernesto Humberg, Amâncio Chiodi, Avani Stein, Gilberto Vasconcelos, P.M. Bardi, Wolfgang Leo Maar, Flávio Gikovate, Matheus Suzuki Junior, Sofia Wajner (colaboradores) Antônio Machado da Silva (assistente da diretoria).
Aqui São Paulo é uma publicação da Editora Brasil Munde Ltda, Rua Arthur de Azevedo, 877, fone: 282-2831, SP. Distribuição Abril Cultural e Industrial SA, Rua do Curtume, 564, Lapa S.P.
Composto e impresso nas oficinas da PAT - Publicações e Assistência Ltda, Rua Dr. Virgílio Carvalho Pinto, 412, fone: 853-7461, Pinheiros SP.
O jornal não se responsabiliza por matérias assinadas - elas necessariamente não refletem sua opinião.
Aqui, um jornal a favor da inteligência!



OPINIÃO

Unidade no grito!

Enquanto os partidos legítimos não vêm, a ponte entre o Governo e a Nação não passa de retórica.

Para um dos candidatos que mais entende de eleições, pois conseguiu ser governador em pleito direto, não deverá haver reforma partidária antes das eleições do próximo ano. E o Senador Magalhães Pinto explica suas declarações: "A Arena não pode perder a maioria parlamentar que lhe assegura eleger o futuro Presidente da República."

As "eleições" referidas dizem respeito ao cargo de Presidente, e deverão ocorrer em outubro de 78. Já as eleições parlamentares, previstas para 15 de novembro do mesmo ano, poderiam até mesmo ser adiadas, pois que são regulamentadas apenas por legislação do Supremo Tribunal Eleitoral, e não dispositivo constitucional.

A ter alguma procedência o raciocínio do Senador mineiro (e tudo indica que tem), os mecanismos eleitorais ainda possuem significado substantivo, mesmo enfocados como pleito indireto. Não seria até mesmo por terem importância, que as eleições passaram de diretas a indiretas para os principais cargos do Executivo?

Até um cego percebe que as eleições constituem uma pedra, quando não um paralelepípedo nos sapatos que circulam no Planalto Central. Basta lembrarmos um fato recente, que muitos querem que seja passado, e que para outros já foi digerido como "natural": o pacote de abril. As reformas contidas neste "pacote" visam claramente diminuir a influência que as eleições poderiam ter no funcionamento do atual regime político. Foi neste sentido que se criou o cargo de "senador biônico", provido por eleição indireta, para garantir a maioria do Governo no Senado. E neste sentido, também, aumentou-se para seis anos a vigência do cargo de Presidente da República, para esvaziar o impacto que causa na política nacional a questão da sucessão presidencial. Ainda neste sentido, também se prorrogou a validade do pleito indireto para Governador, que pela Constituição de 67 já deveria ter findo.

É o caso de se perguntar por que um Governo que dispõe de dispositivos tão potentes como o AI-5, precisa se preocupar com eleições?

Ao que tudo indica, nenhum dispositivo coercitivo garante completamente o exercício do poder político. Nenhum Estado pode agir somente através da força. Seria impossível mobilizar recursos suficientes para se coagir toda a população de um país, ou ao menos grande parte dela. Há necessidade do apoio de um complexo conjunto de ações, opiniões, normas e interesses, localizados no seio da Sociedade Civil, que garantem a hegemonia política do Estado. Até mesmo Hitler precisava do consenso, que representava a doutrina nazista — permeando e se irradiando através da maioria dos órgãos da Sociedade Civil alemã, como sindicatos, associações, órgãos patronais, igrejas, universidades, etc. As forças da SS eram uma das partes que integravam este complexo ideológico nacional-socialista, garantindo a hegemonia política do "führer".

O caso extremo comprova a necessidade imperativa do consenso, muitas vezes traduzido como "apelo de unidade", para o exercício efetivo do poder político. O Estado precisa sempre, de alguma maneira, representar a Nação como um todo; por isto são frequentes os apelos do Estado em prol do consenso em torno da "unidade nacional".

As eleições, enquanto mecanismo legitimador do consenso através do voto, caberia então um papel todo especial. Em última análise, as eleições representam a instância mediadora universal entre o cidadão e o Governo que, em nome do cidadão, exerce o poder do Estado.

Para focalizarmos o Brasil sob este prisma, refiramo-nos às últimas eleições ocorridas no País: o pleito municipal de 1976. Por ocasião desta consulta popular, ocorreu uma situação aparentemente contraditória: ao mesmo tempo em que o Governo convocava as eleições, emitia um decreto-lei (a "Lei Falcão"), que restringia o exercício livre da propaganda eleitoral. É claro que uma portaria governamental visa sempre o benefício do Governo. Assim, a "Lei Falcão" comprova que de alguma forma o Governo não desejava as possíveis consequências de um pleito realizado sob a mais ampla liberdade de expressão política. E a conclusão de nosso raciocínio pode ser uma só: o Governo temia não obter o consenso popular que lhe garantiria a hegemonia.

De fato, o Governo havia sido vacinado contra este perigo, pela vitória da oposição nas eleições parlamentares de 74, sobretudo no que toca o Senado Federal, onde o MDB conseguiu uma vantagem de 4,5 milhões de votos sobre a Arena. Também nas eleições municipais de 76, onde o chamado "caciquismo" local tem influência maior do que nas eleições parlamentares, pode-se dizer que a Arena foi o grande perdedor. Das cem maiores cidades, o MDB ganhou em 54. A Arena ganhou propriamente como partido do Governo apenas na Região da Soja, no Rio Grande do Sul, onde os incentivos oficiais excepcionais levaram a uma votação maciça na política situacionista.

Os resultados destas duas consultas populares justificariam então as medidas restritivas da "Lei Falcão", que, de fato, após ter perdido a validade conjuntural a que se referia, foi reafirmada pelo "pacote" de abril como pedra estrutural na legislação eleitoral.

Na verdade, o problema gerado pela situação política, e que vem à tona nas eleições, toca no fundo da chaga. Ou seja, a situação crítica em que o Governo é posto após cada eleição, refere-se à ausência total de mediações na vida política nacional. De um lado existe a população, do outro há o Governo. Esta ausência de mediações invade mesmo os corredores palacianos, desembocando num poder político personalizado. Para o próprio Governo, não há muitas instâncias: é a figura pessoal do Presidente da República que rege soberana sobre a Nação. Qualquer questão política significativa passa a ser resolvida diretamente pelo Presidente.

Caberia aos partidos políticos o papel de mediadores entre os interesses manifestados no nível da Sociedade Civil e os interesses representados pelo Governo na chefia do Estado. Portanto, apenas a existência de partidos políticos, efetivamente criados a partir das bases sociais da Nação poria fim a esta instabilidade política do País, onde as mediações políticas (como Arena e MDB) são artificiais, e comprovadamente não cumprem o "apelo à unidade" feito pelo Estado. Este, na falta de melhor, precisa então apelar à "unidade dos militares".

Wolfgang Leo Maar

P. Caruso



Excelentíssimo Senhor General Ernesto Geisel, DD Presidente da República

Pretendendo disciplinar a caótica situação política brasileira, o Poder Revolucionário de 1964 fixou a existência de apenas dois partidos políticos: a Aliança Renovadora Nacional - ARENA; e o Movimento Democrático Brasileiro - MDB. É evidente que tal decisão veio contrariar a formação política do brasileiro, habituado a ver, na pluralidade partidária, a maneira certa de exercitar os seus direitos políticos.

O momento, no entanto, não comportava delongas, o necessário era modificar o quadro político nacional: a intervenção tinha que ser rápida: assim, teoricamente, uma parcela da população que visse com simpatia o Governo que se instaurou após a Revolução, se filia à ARENA; se pretendesse demonstrar o seu desagrado, sua oposição, ingressaria no MDB.

Tal posicionamento, na verdade, nunca ocorreu, e hoje, decorridos treze anos, a experiência demonstrou que é impossível à classe política se restringir a um ambiente partidário tão precário e restrito. Um partido político deve estar norteado por um programa emergente a partir de suas bases, jamais será autêntico se suas diretrizes básicas não possuem um conteúdo real e significativo à população, e o Poder Público, erigido nessa carência, não terá receptividade popular.

Assim, embora se compreendam as razões que le-

varam a Revolução de 1964 a decidir a supressão dos partidos políticos existentes à época, com a criação da ARENA e do MDB, forçoso é admitir que a experiência não colhe os frutos esperados e urge modificar essa situação crítica.

A crise que enfrentamos não é apenas social, econômica e política: é muito mais ampla, é uma crise psicológica, detonada a partir da insegurança do povo. A classe política se sente insegura na medida em que o povo está inseguro. O partido político, como está atualmente equacionado, não se encontra em condições de absorver essa crise, como era de se esperar. Afinal é uma das suas funções específicas.

Não é este o meio mais indicado para se alargar em uma análise sobre essa situação. A crise existe, mas é o efeito de várias causas que podem ser perfeitamente indentificadas e que agem no contexto nacional. Ao povo, no entanto, não interessa colocações teóricas nem mesmo planejamentos oriundos de uma tecnocracia que pretende, com seus recursos aleatórios, se sobrepor à classe política.

Como podem os atuais partidos políticos absorverem as tensões que existem, se são frágeis, não possuem o amparo e a força que a autenticidade confere? A insegurança popular condiciona a incerteza do partido político: como esperar, nes-

sa configuração, que cumpra suas funções conciliantes?

Cumpra assinalar, ao lado das razões históricas que justificam este manifesto, o atual estado de radicalização para onde a Nação se encaminha celeremente face ao bipolar elemento existente. Esse elemento é primordial e precisa ser ressaltado. Uma vez instalada a radicalização, os prejuízos dela decorrentes dificilmente serão assimilados e o mal deixará profundas cicatrizes.

Política se faz através dos partidos políticos. Mas os partidos políticos não se fazem sem o respaldo da realidade, e nossa realidade política reivindica mudanças que não devem ser adiadas.

Diante do exposto, interpretando justos anseios da classe política brasileira, apelamos para Vossa Excelência no sentido de que sejam criadas quatro novas legendas partidárias verdadeiras, nascidas das bases.

Ricardo Izar

(O memorial acima foi entregue pessoalmente ao Presidente da República, pelo deputado estadual arenista Ricardo Izar. Junto com ele, assinam o documento seus colegas Aureo Ferreira, Emil Razuk e Eduardo Coutinho. O memorial é resumo de discurso que Izar pronunciou em maio passado, com grande repercussão.)



Quando
você voa com
gente que
gosta do que faz,
você só pode
ficar satisfeito com
isso. E vendo você
assim, a gente se sente
mais satisfeita ainda.
Porque para nós, da Vasp,
o melhor prêmio é saber
que quem a gente serve
está gostando de voar com a
gente. E agora você não
só voa com quem gosta, como
voa também no novo Boeing
Super 200, o mais moderno e mais
confortável jato em voo no Brasil.
Venha voar Vasp. Nós temos
certeza de que você também vai
ficar satisfeito.

VASP

Onde você voa com quem gosta.

**A satisfação de fazer o que
a gente gosta é sentir a satisfação
de quem a gente serve.**

**Pesquisa
 Exclusiva**

O Governador segundo os deputados: popular, experiente e, principalmente, político.

Montoro no Palácio dos Bandeirantes

Por Tania Nogueira.

Q

uem seria o Governador paulista, se a decisão ainda dependesse apenas dos deputados estaduais? Para encontrarmos a resposta, nossa pergunta precisou ser um pouquinho modificada - pois os políticos são realmente muito "políticos". A princípio, muitos não quiseram "votar" alegando que a pergunta previa uma situação hipotética. Por fim, a maioria concordou em dar o seu voto, desde que a questão colocada fosse: em quem o sr. votaria se as eleições para Governador fossem livres e diretas (um grande número de deputados do MDB se recusa a participar da eleição indireta).

Mesmo assim, dos 68 deputados (43 do MDB e 25 da Arena), 15 se abstiveram - sendo 13 de Arena, todos dando os mais vários motivos. Dulce Salles Cunha Braga, uma dentre os que se abstiveram, foi a única porém a lembrar nomes de mulheres para dirigir São Paulo: Carmen Prudente e Ana Cândida Ferraz. No MDB, abstiveram-se Robson Marinho ("Para haver candidato tem que haver eleição") e Vanderlei Macris ("Não posso me manifestar em termos de hipóteses"). Só mais um emedebista não votou: Fábio Porchat, que estava viajando. Na Arena, além dos 13 que se abstiveram, mais seis deixaram de votar, usando mil artifícios (Emil Razuk empregou mil e um).

Todos os líderes e vice-líderes se abstiveram por causa de seus cargos. Mas os da Arena afirmam que votarão no candidato do Governador. Pelos corredores da Assembléia, se tem como certo o nome de Olavo Setúbal (que não recebeu nem um voto).

O emedebista Acrísio Pereira Lima jurou que não estava brincando nem fugindo pela tangente: votou em si mesmo - "se os outros podem, por que eu não posso"? Curioso também o voto de outro emedebista, o ex-senador Lino de Mattos, que concorda em votar nas indiretas e nem prevê a hipótese das diretas; ele deu seu voto a Laudo Natel, da Arena. Em compensação, o arenista (de Vanguarda) Paulo Kobayashi votou num ex-ministro que passou a ser "oposição": Severo Gomes.

Encerrada a votação, declaramos vencedor o Senador Franco Montoro (veja o Placar Eleitoral); observe-se que, mesmo que os 13 arenistas que se abstiveram votassem em Laudo Natel, este candidato chegaria a 18 votos, enquanto Montoro recebeu 22.

Detalhe: Delfim Neto nem foi lembrado.

O placar eleitoral

O número de votos de cada candidato, neste placar, foi obtido de maneira muito simples. Tomemos o vencedor, como exemplo: 22 deputados votaram nele. Somamos então os votos recebidos nas últimas eleições por cada deputado que votou em Montoro. Resultado: Montoro, 788.865 votos. E assim por diante.

- 1º Franco Montoro, 788.865 votos (22 deputados);
- 2º Orestes Quêrcia, 435.357 votos (12 deputados);
- 3º Laudo Natel, 188.596 votos (5 deputados);
- 4º Ulisses Guimarães, 103.650 votos (2 deputados);
- 5º Francisco Amaral, 58 mil votos (2 deputados);
- 6º Acrísio Pereira Lima, 40 mil votos (1 deputado)
- 7º Rafael Baldacci, 37.207 votos (1 deputado); e
- 8º Severo Gomes, 30.000 votos (1 deputado).

ABSTENÇÕES - 476.307 votos (Arena, 406.687 para 13 deputados; e MDB 69.620 para 2 deputados).

NÃO VOTARAM - Os arenistas Aureo Ferreira, Emil Razuk, Helvio Nunes da Silva, José Felício Castellano, José Maria Marin e Waldemar Lopes Ferraz; o emedebista Fábio Porchat.

Montoro: "afinado com a volta do Estado de Direito"



Votaram em Montoro:

Augusto Toscano

MDB; 43.955 votos; 1º mandato; antes de 65 pertencia ao ademarista Partido Social Progressista (PSP), no Paraná; 42 anos; casado; 4 filhos; de Taquaritinga - SP.

Requisitos: "Um homem que fosse resultado da vontade do povo, de grande vivência dos problemas populares, com experiência administrativa. Montoro reúne ambas as condições".

Benedito Ferreira de Campos

MDB; 23 mil votos; 1º mandato. Já foi vereador em Araras (SP) também pelo MDB; não pertenceu a nenhum partido antes de 65; 32 anos; comerciante; casado; 1 filho. De Araras.

Requisitos: "Mais importante, na atual conjuntura, seria um elemento que tivesse conhecimento das reais necessidades do Estado e que fosse também um político. É o caso de Montoro".

Del Bosco Amaral

MDB; 43.600 votos; 2º mandato; foi duas vezes vereador também. Antes de 65, PSP - 1º suplente de vereador em Santos; 32 anos; advogado; casado; 3 filhos. De Santos.

Requisitos: "Dar satisfação ao povo, por ter sido escolhido por eles e ter uma gama de conhecimentos gerais para escolher o seu secretariado - contra o anticandidato. Luta pelo voto livre e eleição direta".

Edson Tomaz de Lima

MDB; 30.267 votos; 1º mandato; vereador na capital em duas legislaturas; antes de 65, o PTB; 47 anos, casado, 3 filhos; natural de Itaporanga, PB (está há quase 30 anos aqui).

Requisitos: "Ser político e administrador; sensível aos problemas do povo, e que o povo que contribua para os cofres públicos seja sempre ouvido em seus reclamos".

Emílio Justo

MDB; 23 mil votos, 1º mandato. Foi vereador 6 anos em Santos antes de 65; era do Partido Democrata Cristão (PDC). 53 anos, casado, 1 filho. De Santos.

Requisitos: "Ser principalmente capaz, democrata por excelência, ser humano, respeitando, por conseguinte, os direitos da pessoa humana; ser enfim um homem ligado a todas as categorias profissionais e que esteja imbuído também de um espírito de justiça para julgar todos os casos que se apresentem".

Evandro Mesquita

MDB; 54 mil votos; 2º mandato; antes de 65, filiado ao Partido Trabalhista Nacional - PTN; 37

anos, advogado, casado, sem filhos. Da Capital.

Requisitos: "Um homem que seja do campo político, deseje de ver o País institucionalizado, afinado com a volta do Estado de Direito, com os ideais de redemocratização; que tivesse preocupação com a emancipação econômica. Um homem que tenha preocupação com uma melhor distribuição de riquezas. A valorização do funcionário público estadual."

Fernando Scalamandrê Jr.

MDB; cerca de 28 mil votos; 2º mandato. Antes de 65 foi PTB, se elegendo vereador em São Paulo; depois PTN, se elegendo mais 3 vezes vereador (de 1956 a 1969); 52 anos, casado, 2 filhos. De Araraquara.

Requisitos: "É difícil dizer. Governador tem de ter sensibilidade apurada para perceber as prioridades que devam ser dadas a setores de sua administração, no sentido de que os recursos sejam exatamente aplicados sem desperdícios. O Governador deve já ter demonstrado capacidade nos cargos públicos."

Francisco Antônio Coelho

MDB; 39.800 votos; 2º mandato. Antes de 65 foi, em 1959, vereador de Piracicaba pelo PDC. Depois, pelo PTB. Responsável pela organização do MDB em Piracicaba e outras cidades da região; 47 anos, advogado, casado, 4 filhos. De Piracicaba.

Requisitos: "Colaborar para a reimplantação mais breve possível da austeridade administrativa do Estado e normalidade democrática da política nacional."

Gustavo Lauro Korte Jr.

MDB; 35.780 votos; 1º mandato. Antes de 65, filiado ao PSP (duas derrotas na tentativa de se eleger); 40 anos; advogado, casado, 11 filhos. Da Capital.

Requisitos: "Plano de trabalho com definição de princípios administrativos; respeito ao atendimento do Poder Legislativo, porque se tiver uma definição de princípios que se identifique com que a gente ache melhor, e se proponha a fazer um governo democrata - não incidindo no erro que logo no 1º dia de mandato imputamos ao atual Governador: paternalismo estatal do executivo sobre todos. Franco Montoro atende a uma já conhecida linha democrática, com princípios definidos e longa experiência política."

Hélio Cesar Rosas

MDB; 31 mil votos; 1º mandato. Antes 65: União Democrática Nacional (UDN) e PTN, sendo vereador em Assis - SP; 48 anos, casado, 4 filhos. De Pindamonhangaba - SP.

Requisito principal: "Independência no exercício da função pública. Hoje, na atual conjuntura, é o mais importante. Para poder defender os interesses de São Paulo, que têm sido esquecido pelo poder central."

Horácio Hortiz

MDB; 52 mil votos; antes de 65 não tinha partido. Entrou na política em 66; duas vezes vereador na capital; 1º mandato como deputado; 51 anos, engenheiro-civil, casado, 4 filhos, De Redenção da Serra - SP.

Requisitos: "Político, e que através dos anos tenha demonstrado capacidade, energia, segurança e honestidade no trato da coisa pública e respeito à opinião da população. Um governador, um presidente ou um prefeito não se improvisa. Decorre de dezenas de anos de experiência política através do contato diário com o povo".

Jayro Maltoni

MDB; 23.600 votos; 2º mandato; sem partido antes de 65; 49 anos, corretor de imóveis e contador, casado, 7 filhos e 2 netos. De Ribeirão Preto.

Requisitos: "Ser político, porque o político é que mantém o diálogo com o povo, conhece as dificuldades; tem de ter tarimba e um passado que o caracterizem de preocupação com o povo. Montoro ficou assim caracterizado quando Ministro do Trabalho. Quercia também excelente".

Jiheí Noda

MDB; cerca de 39.500 votos; 2º mandato; uma vez vereador da capital. PTB antes de 65; 58 anos, casado, 3 filhos. Nascido em Saga - Japão.

Requisitos: "O Governador deve conhecer nosso Estado e ter sensibilidade política capaz de atender os problemas administrativos, já que o executivo vê de modo diferente do que o legislativo. No caso de Montoro, ele já foi executivo".

João Gilberto Sampaio

MDB; 44 mil votos, 1º mandato; já foi vereador em Ribeirão Preto. Casado, 4 filhos, advogado trabalhista, 44 anos. Natural de Jandinoópolis - SP.

Requisitos: "O sistema atual tem provado que a escolha por forma indireta tem deixado muito a desejar no Estado de São Paulo, porque o estado tem tido governadores que não foram escolhidos pelo povo e que nem têm cheiro de povo, e por isso têm administrado muito mal. Tem de ter qualidades morais e capacidade comprovada. E acima de tudo ser humanista".

José Silveira Sampaio

MDB; 44.535 votos; 2º mandato. Já foi da Arena, mas logo no início desgostou-se e passou para o MDB. Antes de 65 foi do PTB (vice-prefeito de Santo André, e deputado de 63 a 66; 55 anos, funcionário autárquico, casado sem filhos. De Rio Claro - SP.

Requisitos: "Pela redemocratização do País e pelo restabelecimento das liberdades públicas apesar disso ser responsabilidade federal".

Nadir Kenan

MDB; 30 mil votos; 2º mandato. Antes de 65, 1º mandato pelo PTN-MDR - deputado estadual; e depois vereador em Barretos pela UDN, em coligação contra o PSD; 56 anos, jornalista e radialista, casado, 4 filhos. De Taiuva - SP.

(OBS - Votou em Montoro e Quercia, pela ordem).

Requisitos: "Tradição política, conhecimento, cultura e termos populares; ter a vivência política. Não estou fazendo média não. Não estou filiado a grupo nenhum. Os dois são líderes e devem reunir sua força".

Osiro Silveira

MDB; 35 mil votos; 1º mandato; Antes 65 PTN e MTR ("eu fazia política com Jânio, Freitas Nobre"); 45 anos; casado, 3 filhos. De São Caetano do Sul.

Requisitos: "Estar comprometido com o processo de redemocratização do País, ter experiência administrativa para ter condições de dirigir São Paulo, que é um Estado importante da Federação".

Osmar Ribeiro Fonseca

MDB; 25.157 votos; 1º mandato. Antes de 65, PTN (suplente de vereador). Em 65 ingressa no PDC. Em 68 no MDB (2 vezes vereador em São Caetano do Sul); 49 anos, casado, 2 filhos. De Curaçá (interior da Bahia).

Requisitos: "Deve ser um homem de cultura elevada e que tenha já uma certa tarimba política. Fui um dos elementos que mais lutaram ao lado de Orestes Quercia, mas como ele tem mais quatro anos de mandato no Senado, Franco Montoro seria o nome ideal".

Oswaldo Doreto Campanari

MDB; 40 mil votos; 1º mandato como deputado, vereador duas vezes; 46 anos, casado, 5 filhos. De Marília - SP.

Requisitos: "Vivência dentro do legislativo para depois ser executivo. O legislativo é o que ensina, o que forma a política para ser um executivo. Montoro já tem anos de luta, é um social democrata, está preparado para exercer o mandato porque conhece todos os problemas do Estado".

Sebastião Marcondes da Silva

MDB; cerca de 26 mil votos; 1º mandato (uma vez vereador de São Paulo). Antes de 65 - PRT Partido Republicano Trabalhista, casado - 6 filhos. De Pindamonhangaba - SP.

Requisitos: "Ser um homem capaz e que tenha vistas voltadas para os interesses da comunidade em todos os setores, quer no campo quer na cidade".

Theodosina Rosário Ribeiro

MDB; 40 mil votos; 2º mandato. Já foi vereadora uma vez. Não pertenceu a nenhum partido antes de 64 (se recusou a dar a idade: "tenho muitos anos"). Casada, 1 filho. De Bauru - SP.

Requisitos: "Respeitar a constituição, no sentido de conseguir o aperfeiçoamento da nossa democracia; capacidade e competência para o diálogo. Quercia também é ótimo candidato".

Vicente Botta

MDB; 36.311 votos; 3º mandato. Antes de 65, PTB e PR. Vereador em São Carlos pelo PTB; 58 anos, advogado, professor e contador, casado, 3 filhos. De São Carlos - SP.

Requisitos: "Idoneidade, experiência, capacidade administrativa".

Quercia: "Popular, tem capacidade, acredita no País em que vive"



Votaram em Quercia:

Alberto Goldman

MDB; quase 75 mil votos; 2º mandato; não pertenceu a nenhum outro partido; 39 anos, casado, 3 filhos. De São Paulo.

Requisitos: "Ser democrata, saber distribuir as funções administrativas e, principalmente, respeitador do programa partidário".

André Pescarini

MDB; 25 mil votos; 1º mandato, 47 anos, casado, 3 filhos. Não quis dizer onde nasceu. Está vinculado politicamente a Piraju há 25 anos e "não convém embananar".

Requisitos: "Prover o futuro e não destruir o presente. O mundo também pertence às gerações que estão por vir. Isso é que dá uma idéia do que seja um estadista, principalmente quanto ao Estado de São Paulo. E não ter-se rebaixado, como os atuais governadores".

Antonio Carlos Mesquita

MDB; 25.312 votos; começou a fazer política no MDB, em 58 (vereador de Limeira); 32 anos, solteiro. De Limeira - SP.

Requisitos: "Capacidade administrativa, entre todos os outros. Em Campinas o Quercia já mostrou o que fez".

Antonio Rodrigues dos Santos

MDB; eleito com quase 22 mil votos; 1º mandato. Já foi vereador em Campinas e suplente em outra legislatura. Antes de 65 era do Partido Republicano; 52 anos, casado, 2 filhos. De Campinas.

Requisitos: "Muita sensibilidade política, administrativa e social, além de muita perspicácia na escolha de seus assessores imediatos. Dentre os homens que militam na nossa política (eu digo política porque não acredito em tecnocrata como administrador de Estado), eu acho que o senador Orestes Quercia, entre outros, é um daqueles que teria condição para dirigir o Estado, ao inverso dos governadores biônicos que existem por aí".

Ivan Espindola de Ávila

MDB; 29.870 votos; primeiro mandato. "Nunca fui político antes disso." 44 anos, advogado, pastor evangélico e jornalista, casado, 3 filhos. De Santos.

Requisitos: "Profunda consciência política e uma séria formação e visão administrativa. Não pode ser só político, mas administrador também".

Jorge Fernandes da Silva

MDB; 42 mil votos, 1º mandato; antes de 65 participava do Movimento Apartidário de Vila Maria. "Nós escolhíamos o candidato sem se filiar a partidos". 56 anos, casado, 4 filhos. Da Capital.

Requisitos: "Espírito cívico, voltado muito mais para o bem do povo do que para si próprio. Certamente alguém que não fosse banqueiro. Chega de banqueiros no Estado, na Prefeitura, daqui a pouco aparece na Presidência. Precisa ser alguém intimamente ligado ao povo".

José Theópilo Albejante

MDB; 22 mil votos; 1º mandato; antes 65, prefeito em Moji Mirim pelo PSP, depois vereador pelo PL; 55 anos; casado, 6 filhos, industrial. De Moji-Mirim - SP.

Requisitos: "Tem de ter gabarito para governar, ser bom administrador, conhecer bem a situação do Estado".

Milton Baldochi

MDB; 31.042 votos; 1º mandato; já se elegeu duas vezes vereador. Não pertenceu a outro partido - "fui às ruas vibrando com a Revolução, mas com o advento do AI-5 achei que ela havia perdido muito. Em 68 me filiei ao MDB. Queria ter o direito de discordar". 38 anos, casado, 3 filhos, profissão bancário. De São José da Bela Vista - SP.

Requisitos: "1) homem de equilíbrio, tem de ter moral; 2) folha de serviços prestados; 3) deve ser um indivíduo ciente, por dentro do que seja a administração pública, porque senão quando começa a aprender termina o mandato; que conheça todas as prioridades do município, do Estado, do País. Tem de ser popular".

Natal Gale

MDB; 65.135 votos; foi vereador em Campinas em 68, reeleito em 72. Primeiro mandato como deputado. Não pertenceu a nenhum outro partido; 39 anos, casado, 2 filhos. De Orlândia - SP.

Requisitos: "Popularidade, ser testado anteriormente, ter capacidade administrativa, acreditar no País em que vive".

Rafael Américo Ranieri

MDB; 35 mil votos; 1º mandato. Já foi prefeito de Guaratinguetá de 69 a janeiro de 73; não pertenceu a nenhum outro partido; 56 anos, casado; delegado; 3 filhos. De Belo Horizonte.

Requisitos: "Liberal, honesto, dinâmico, ter compreensão muito vasta dos problemas do povo. Ligado ao povo, principalmente à pobreza. Entendimento político bem grande".

Rubens Granja

MDB; 29.998 votos; 3º mandato. Antes de 65, PRT; PTB; PRP; PSB. Não se candidatou por nenhum; 52 anos, casado, 2 filhos. De São Paulo.

Requisitos: "Para ser governador de um Estado ou da Nação tem que ser bacharel em direito ou militar da área de cavalaria. É um requisito fundamental porque só o militar de arma de cavalaria e o advogado são dos maiores humanistas do mundo. Porque os dois, por natureza, são sociólogos e psicólogos, além de humanistas".

Walter Mendes

MDB; eleito com 33 mil votos; 1º mandato. Do Partido Social Progressista antes de 65; 50 anos, casado, 3 filhos, 1 neto. De Cesário Langes - SP.

Requisitos: "Ser dinâmico como foi o Quercia em Campinas como Prefeito".

Laudo: "Idoneidade, capacidade, humildade; político militante"



Votaram em Laudo:

Ademar de Barros
ARENA; 42.342 votos; 2º mandato estadual (vereador na capital). Antes de 65, pertenceu ao

Partido Libertador (PL); 38 anos, advogado, casado 2 filhos. De Olímpia - SP.

Requisitos: "Experiência, popularidade, e capacidade de trabalho".

Agenor Lino de Mattos

MDB; com 52 mil votos; 3º mandato do MDB; antes de 65, foi vereador duas vezes, pelo PSP; 70 anos, casado, 7 filhos, 12 netos; de Ipauçu - SP.

Requisitos: "1º) ser político, profundo espírito público, conhecer profundamente os problemas da comunidade da qual vai ser o chefe, como se fosse uma família; 2º) sensível aos reclamos do povo, demonstração de humildade, de humanidade; 3º) é o requisito principal: que seja um governador que não seja de partido, mas do Estado de São Paulo, da comunidade paulista. Não pode haver discriminação. E eu tenho ouvido muitas reclamações de nossos prefeitos emedebistas do interior, se queixando que os da Arena têm mais atenção por parte do atual governador".

Aginaldo Rodrigues de Carvalho Júnior

Arena; 34.554 votos; terceiro mandato; 36 anos, casado, 2 filhos; de Recife, PE.

Requisitos: "Um homem que tenha aceitação popular, que tenha experiência administrativa e que seja de confiança do sistema".

Eduardo Negrini Coutinho

Arena; 24.257 votos; 1º mandato; 34 anos, casado, 2 filhos; da Capital.

Requisitos: "Idoneidade, capacidade, humildade e, antes de tudo, ser político militante".

Ricardo Izar

Arena; 34.443 votos; segundo mandato pela Arena; antes de 65, foi vereador pelo Partido Libertador; 39 anos, casado, 2 filhos. Da Capital.

Requisitos: "Ser político, ser sensível aos problemas da população, ser humilde - é o mais importante".

Ulisses: "Coragem de denunciar as falhas; sensibilidade"



Votaram em Ulisses:

Manoel Oliveira Sala

MDB; 78 mil votos; 1º mandato; vereador 2 vezes; antes de 65: Movimento Trabalhista Renovador; 48 anos, funcionário público municipal, casado, 2 filhos; de Santa Adélia, SP.

Requisitos: "Homem de centro, tem de ter um passado histórico muito bom, tem de ter sido muito testado".

Reginaldo Valadão

MDB; 25.650 votos, 2º mandato; já foi vereador em Osasco; 51 anos, era ferroviário da Estrada de Ferro Sorocabana (foi atingido pelo AI-1), casado, 2 filhos. De Palmital.

Requisitos: "Preparo, idoneidade e sensibilidade política, como Ulisses Guimarães já demonstrou. Um homem com plena aceitação em todas as áreas, porque é uma figura de proa da política nacional. Homem que tem coragem de denunciar a uma nação todos os vícios e falhas de um sistema que já não atende às necessidades do povo".

Montoro no Palácio dos Bandeirantes

Amaral: "Político, democrata, ligação com a classe trabalhadora"



Votaram em Amaral:

Almir Pazzianotto Pinto

MDB; cerca de 20 mil votos; 1º mandato; 41 anos, casado, 2 filhos. De Capivari.

Requisitos: "Político, com uma folha de realização; democrata; que conheça bem de perto, tenha vivência das necessidades populares; desejável que tivesse algum tipo de ligação com a classe trabalhadora."

Vanderlei Simionato Doenha

MDB; 38 mil votos; 1º mandato; já foi vereador de Campinas; 29 anos, casado, 1 filho. Natural de Campinas.

Requisitos: "Ser político, conhecer as necessidades e as prioridades do povo, para poder desenvolver um trabalho voltado para o que é fundamental e necessário."

Acrísio: "Atende aos reclamos gerais"



Votou em Acrísio:

Acrísio Pereira Lima

MDB; 40 mil votos; 1º mandato; já foi vereador; 32 anos, solteiro. De Cruzeiro do Sul, Acre.

Voto: "Eu indicaria eu mesmo. Porque eu tenho as mesmas pretensões, os mesmos objetivos que os outros candidatos do MDB; Quêrcia, Montoro e Ulisses. E, entre esses candidatos, ao invés de ocorrer a reunião de forças, está havendo uma independência, uma disputa. Então eu acho que também posso ser... Não, não estou tentando sair pela tangente. Acho que é coerente."

Requisitos: "Governar hoje por objetivo, isto é, o próximo governador deve fazer sua ação governamental administrativa que atende aos reclamos gerais e atende às sociedades industrial, política e financeira. As metas? O próprio gover-

nador as fundamenta. Deve também seguir um esquema: fazer um rodízio em suas assessorias para saber quem é quem."

Balcacci: "Sensibilidade, experiência, equipe"



Votou em Balcacci:

Wadih Helu

Arena; 37.207 votos; 3º mandato; antes de 65, PDC - vereador duas vezes; 55 anos, advogado, casado, 2 filhos. De Tatuí.

Requisitos: "Ter sensibilidade política e exercício da função pública através de cargos, quer no legislativo, quer no executivo; e formar, em torno de si, uma equipe. Ter também conhecimento dos problemas administrativos do Estado"

Severo: "Líder civil, democrata, experiente"



Votou em Severo:

Paulo Kobayashi

Arena (de Vanguarda); quase 30 mil votos 1º mandato; casado, 2 filhos; de Ribeirão Pires.

Requisitos: "Líder, ou com grandes possibilidades de se tornar um efetivo líder civil. Democrata intransigente. Com experiência política e demonstra sensibilidade para os graves problemas sociais do Estado, de preferência ligado à história de São Paulo e com que possa defender-se da excessiva centralização. Que defenda o federalismo. Com coragem suficiente para empunhar a bandeira dos anseios da população paulista, mesmo que à contragosto do governo federal. Se a decisão fosse unicamente minha creio que a pessoa que mais se adapta às características que indiquei é o Severo Gomes."

Abstenção: "A posição é delicada, não posso me pronunciar"

Abstiveram-se de votar:

Abrahim Dabus

Arena; 31 mil votos; 2º mandato; 51 anos; médico; casado, 5 filhos. De Avaré - SP.

Voto: "Vou me abster, estou em posição meio delicada como vice-líder da bancada. Entre Laudo e Setúbal? Laudo Natel?"

Requisitos: "Experiência, capacidade administrativa, retrospecto e ser um político de sensibilidade"

Antonio Salim Curiati

Arena; quase 38 mil; 3º mandato; não pertenceu a outro partido antes de 65; 49 anos, casado, 5 filhos. De Avaré - SP.

Voto: "Sou vice-presidente da Arena, não posso me pronunciar. É inoportuno a gente falar nisso quando ainda não se definiu o Presidente da República"

Requisitos: "Eu acho que o Governador do Estado deve, antes de tudo, ser um político. É essencial"

Armando Souza Pinheiro

Arena (de Vanguarda); 23 mil votos; 1º mandato. Trabalhou com Carvalho Pinto e Abreu Sodré. Não teve outro partido; 40 anos; advogado; casado; 4 filhos. Da capital.

Voto: "Nós da vanguarda, estamos mantendo contatos com os possíveis candidatos a candidatos para que se abra o processo da escolha para governador. Lutamos para se achar um critério impositivo mas que seja fruto deste momento. Um critério que seja de participação e abertura. E não só de homologar uma decisão."

Requisitos: "Deve ser um homem totalmente descomprometido com qualquer radicalismo. Uma idoneidade em sua vida que possa gerar a segurança da opinião pública"

Dulce Salles Cunha Braga

Arena; quase 30 mil votos; 3º mandato. Antes de 65, UDN (vereadora e duas vezes deputada); 53 anos; casada; sem filhos. De São José do Rio Preto - SP.

Votos: "Como vice-líder do Governo não posso dar o meu voto. Apesar de ser autora do voto direto para o Governo, acho que agora, no momento em que vivemos, deve ser indireto. Eu colocaria na lista mulheres, pois tem muitas que mereceriam o cargo, como Carmen Prudente, Ana Cândida Ferraz, etc."

Requisito: "Ser administrador e político"

Jacob Salvador Aveibil

Arena; 22 mil votos; 2º mandato; antes de 65 - PR (vereador na capital, deputado estadual - líder nos governos Carvalho Pinto e Sodré); 50 anos, economista, professor universitário; casado, 1 filha. De Porto Alegre.

Voto: "Voto no candidato do governador."

Requisitos: "Conhecimento dos problemas estaduais; deve estar integrado junto à massa popular, deve se adaptar ao processo de democracia brasileira."

Januário Mantelli Neto

Arena; 47 mil votos; 3º mandato pela Arena; antes de 65 Partido Rural Trabalhista (uma vez vereador, uma vez deputado). Favorável ao puritardarismo e quer reorganizar o seu partido; 45 anos, casado, 3 filhos. Da capital.

Voto: "Ainda estou observando uma série de injunções políticas."

Requisitos: "Popular, prestígio de base, trabalhador e com grande experiência e capacidade, porque o momento que atravessamos é difícil. Por isso tem de ser popular, para que o povo aceite."

João Lázaro de Almeida Prado

Arena; 23.638 votos; é seu terceiro mandato. Antes de 65 pertencia à UDN; 62 anos, casado, 10 filhos e 17 netos. De Jaú - SP.

Voto: "Quando a gente declara que prefere esse ou aquele, a gente está preferindo algum. E a gente está fazendo política."

Requisitos: "Ser um bom administrador, de comprovada administração tanto na vida privada quanto na pública, e que tenha princípios democráticos, que saiba entender o legislador, o deputado, como o lídimo representante do povo."

Francisco Archimedes Lammoglia

Arena; 27.899 votos; 3º mandato; antes de 65 foi do PR (deputado) e do PRP (deputado e vereador em São Paulo); 57 anos, médico, advogado e jornalista. De Salto - SP.

Voto: "Se fosse me dada uma lista de nomes, eu ia colocá-los em papezinhos e tirar a sorte. Sabe como é, todos são amigos."

Requisitos: "(Conhecer o Estado; as necessidades prementes de toda a população; ter vivência política e popular; não trazer ódio, perseguição, nenhuma característica desumana. E ser cristão."

Marco Antonio Castello Branco

Vanguarda (não se diz da Arena, mas sim do "partido Vanguarda"); 30 mil votos; 2º mandato. Não teve outro partido; 35 anos, solteiro. Da capital.

Voto: "Meu voto é para o dr. eleição direta Não vou dar preferência a nomes supostos."

Requisitos: "Liberal; administrador capaz e humano (para tirar os técnicos da parada); pessoa que defendesse São Paulo frente à Federação."

Nabi Abi Chedid

Arena; 29 mil votos; 4º mandato; antes de 65, PRP (deputado estadual, vereador em Bragança Paulista); 45 anos casado, 4 filhos. De Bragança Paulista.

Voto: "Me abstenho de votar. Como líder de classe não fica bem. O candidato do governo é o meu candidato."

Requisitos: "O governador escolhido pelo sistema tem de preencher sempre determinados requisitos."

Pinheiro Jr.

Arena; 21.150 votos; 4º mandato pela Arena; participou da fundação do PSP em 1946, sendo deputado estadual. Participou também do PSD (três vezes deputado estadual), 64 anos, casado, 2 filhos. De Ribeirão Claro - SP.

Voto: "Não tenho nenhuma preferência no momento. Você entende, como presidente da Associação dos Servidores Públicos, que conta com 50 mil sócios, não posso divulgar o meu voto."

Requisitos: "Bom administrador, democrata, simples, acessível, bom chefe de família."

Renato Cordeiro

Arena; 35 mil votos; 3º mandato. Antes de 65, PR (prefeito de Birigui e deputado estadual); 48 anos, empresário, médico e advogado; casado, 5 filhos e 3 netos. De Birigui - SP.

Voto: "Tenho uma porção de amigos que estão disputando, como o Laudo Natel e Murilo Macedo."

Requisitos: "Um político, principalmente que fosse meu amigo... qual amigo? o que fosse mais ligado. Agora estou preocupado com o meu presidente, o João Batista Figueiredo. Depois de janeiro a gente decide o Governador."

Robson Marinho

MDB; 44.620 votos, 1º mandato (dois mandatos de vereador em São José dos Campos); 27 anos, casado. De Belo Horizonte.

Voto: "Para haver candidato tem de haver eleição. E na próxima pode ser que não haja mais Arena e MDB. Tanto Quêrcia, como Montoro, como Ulisses, estariam em condições."

Requisitos: "O que queremos é um homem liberal. Um homem comprometido com os setores democráticos do Estado."

Solon Borges dos Reis

Arena (de Vanguarda); 49 mil votos (o mais votado da Arena), 3º mandato, antes de 65 era do PDC (duas vezes deputado); 59 anos, professor, casado, 1 filho. De Casa Branca - SP.

Voto: "Pretendo chegar a um nome. Não pela cor dos olhos. Chegar por um caminho político. Estamos muito necessitados de um governador preocupado com o povo."

Requisitos: "Deve ser um político, capaz de pôr o governo a serviço das necessidades populares."

Vanderlei Macris

MDB; 25 mil votos, 1º mandato, vereador em Americana. Nenhum partido antes de 65; 27 anos, solteiro. De Americana - SP.

Voto: "Não posso me manifestar em termos de hipóteses. Em um fato concreto, aí haverá uma definição."

Requisitos: "Compromissos com a democracia; capacidade administrativa, demonstrando a sua plataforma de trabalho."

O novo método, pelo colégio eleitoral: já votam os vereadores

O colégio eleitoral é composto por todos os deputados estaduais, e delegados de todas as Câmaras Municipais do Estado. Cada Câmara indica um delegado, e mais um para cada grupo de 200 mil habitantes do município. Nenhuma representação municipal poderá ter menos de dois delegados. A eleição do governador e do vice-governador será realizada em 1º de setembro do ano anterior aquele em que terminar o mandato. A votação será nominal, em sessão pública, na Assembléia Legislativa. Os candidatos serão escolhidos em convenções regionais dos partidos, realizadas no mês de julho.

NO BRADESCO É MUITO MAIS FÁCIL.



CADERNETA DE POUPANÇA BRADESCO.

GARANTIA
DE
SEGURANÇA

Pra começar, é o banco onde eu tenho conta. E já faz tempo. Lá eu deposito e retiro dinheiro, pago luz, água. Todo o pessoal me conhece e é muito simpático. Quando me interessei por poupança, informaram tudo o que eu quis saber. Achei tão fácil e simples que abri a minha caderneta na hora. Sempre me mandam o extrato direitinho, mostrando meu saldo, os depósitos, quanto rendeu de juros e correção monetária. No início do ano, mandam um verdadeiro balanço da caderneta. Dão até a importância que posso abater do imposto de renda. Qualquer agência do Bradesco tem caderneta de poupança. E você sabe que não é qualquer caderneta que tem um nome desse como garantia.



BRADESCO
garantia de bons serviços

"NINGUÉM MANDOU QUE EU MATASSE O MAJOR VAZ!"

Nós tínhamos há muitos anos um encontro marcado com Alcino João do Nascimento sem que nenhum de nós soubéssemos disso. Quando ele saiu da cadeia, há 18 meses, uma nota de O Globo recortada e guardada nos deu o ponto de partida. Personagem central da maior tragédia da vida política brasileira — o homem que matou o major da Aeronáutica Rubens Florentino Vaz na noite de 5 de agosto de 1954 —, Alcino é a história viva dos acontecimentos que levaram o grande presidente Getúlio Vargas ao suicídio há 23 anos. Sua



vida, contada agora e gravada em mais de 10 horas de fita, só cabe mesmo em um livro. Descobri-lo nas profundezas da Baixada Fluminense — hoje território livre de crimes modernos do Esquadrão da Morte — não foi fácil e serviu para conquistar a sua confiança. Seu depoimento sairá com exclusividade na próxima edição de setembro do COO-JORNAL, órgão líder da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre; e depois, em livro pela Extra Realidade Brasileira Editora de São Paulo. A história desse encontro marcado é o que publicamos a seguir.

Por Palmério Dória de Vasconcelos

Fotos Elvira Alegre

B

em ou mal, seu marido entrou na História.

Com esse comentário, em tom grave e severo, sem deixar de ser cordial, o promotor Oziel Miranda deu por encerrada sua parte, retirou-se da sala do juiz da Vara de Execuções Criminais do Rio de Janeiro, voltando para a sua, ao lado. Veio comunicar que tinha dado parecer favorável ao requerimento que eu e Elisa Coimbra, 32 anos, empregada doméstica, levamos ao Fórum. Nele, Alcino João do Nascimento, 55 anos, mestre-de-obras, em liberdade condicional há 18 meses, depois de cumprir quase 22 anos da pena de 31 a que estava condenado, pede para dar uma entrevista sobre o seu processo, "de conhecimento geral". O promotor pediu que Elisa o aconselhasse a ser prudente, "não falar além do que o juiz autorizar". Pouco depois, um guarda veio mostrar a autorização do juiz Sergio Vieira Teixeira, posta em cima do requerimento, com sua assinatura:

Defiro pedido de entrevista, desde que ela se circunscreva aos fatos históricos...

Foi na segunda-feira retrasada, 22 de agosto de 1977. Saímos do Fórum — prédio moderno infiltrado no Rio Antigo, perto da zona portuária, da praça XV — atrás de um lugar para comer algo, festejar — a autorização era a única exigência que Alcino fazia para falar.

Paramos na Rick, lanchonete pop na rua Araujo Porto Alegre, ao lado do edifício-sede da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), o lugar em que Alcino viu o jornalista e candidato a deputado Carlos Lacerda pela primeira vez, 4 meses antes do crime de agosto de 54; o lugar em que ele

foi pedir emprego público, algum tempo depois de chegar do interior de Minas, pelos idos de 52, a políticos petebistas, com uma carta de apresentação velha e amarfanhada, assinada por Juscelino Kubitschek, ainda prefeito de Belo Horizonte.

São coisas que Alcino passou a contar dois dias depois. Já estamos com 8 fitas gravadas, 2 por noite, das 20 às 22 horas, a luz de lampião, na casinha que ele mesmo está construindo, num loteamento perdido da Baixada Fluminense. Nos dias úteis e nos sábados ele trabalha para uma construtora de casas e apartamentos, pelos lados da ilha do Governador; sai às 4h30, chega às 19h; começou a 350 cruzeiros a sema-

na, "apesar dos anos sem mexer com a profissão".

— Quando eu falei pra Elisa ela tomou um susto. Eu disse: "Espera minha filha, pobre é assim mesmo, tem que começar de baixo". Três meses depois eu estava ganhando 1.200 por semana.

Foi Elisa que encontramos primeiro. Estávamos atrás de Alcino há 5 dias. Procuramos nos prontuários da Departamento do Sistema Penitenciário (**Desipe**) — o coordenador Aloisio Russo mandou buscar as fichas do "pessoal da Toneleros". Dos 5 envolvidos no processo, 2 morreram na prisão: Gregório Fortunato, a 23/10/62, "vitimado pelo interno Feliciano Damas Emiliano", Climério Euribes de Almeida, a 29/3/75 — problemas de diabete; e três estavam vivos e soltos: Nelson Raimundo de Souza, José Antônio Soares e, em liberdade condicional, João Alcino do Nascimento, o que apertou o gatilho no peito do major Rubens Vaz.

Mas não havia endereço, nada. Para quem conhece a Casa de Detenção paulista (2 500 vagas, quase 7 mil presos amontoados) o Instituto Penal Lemos de Brito parece um paraíso: 500 presos, cubículo individual, parlatório, área de lazer razoável, um auditório com 1 200 lugares para exposições do coral de 50 pessoas e da orquestra com quase o mesmo número.

— Alcino cantou 16 anos no coral.

Informa o preso com quem acabei encontrando no Instituto Penal Lemos de Brito o seu endereço, no fim de uma carta assinada por Alcino e Elisa. A primeira que o casal mandou para alguém, depois de mais de um ano e meio de isolamento.

Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1977

Prezado amigo:

Em primeiro lugar desejo que ao receber esta você esteja gozando de boa saúde.

Amigo, o motivo desta é saber de suas notícias e dos meus outros amigos.

Se for possível peço me mandar 2 cartas de convite para a Festa do Encarcerado para eu e Elisa ir aí te visitar.

Manda um forte abraço o amigo de sempre.

Elisa/Alcino

Com uma carta de apresentação desse amigo na mão, bati na porta da casa deles há 15 dias, lá pelas 11 horas. Elisa, que vi passar em frente ao boteco em que esperava alguém aparecer de bermudas e com uma lata d'água na cabeça, quando soube o que era, disse para eu não me iludir: Alcino tinha "alergia a repórter", mas deu a hora em que ele voltava, mandou eu dar uma volta, voltar mais tarde para ver o que conseguia. Chegamos a conversar um pouco, o bastante para saber que ela esperou Alcino mais de 15 anos, — é 29 anos mais nova que ele —, um romance que começou via revista **Grande Hotel**, seção de correspondência amorosa, trocada entre Alcino encarcerado e uma jovem e desconhecida baiana, amiga de Elisa, que morava em Salvador.

— Um dia, lá por 1963, minha amiga resolveu vir de Salvador para ver o Alcino, vim junto. Sei que ela resolveu não ficar com ele, eu fiquei.

Elisa é o que se pode dizer uma força da natureza. Uma negra linda e forte — sabe lutar boxe, capoeira e já foi da polícia feminina carioca um tempo, sem nunca deixar de trabalhar para uma família abastada da Zona Sul carioca — "Minha segunda família" — para quem nunca contou com quem vive.

Voltei a encontrá-la minutos antes de Alcino chegar. Ela foi ao encontro dele, murmurou na porta que eu tinha trazido a carta do amigo, que era repórter. Ele, blusa vermelha dentro da calça branca, alinhado, me cumprimentou de passagem, olhou firme nos olhos. Foi tomar banho, acabou e sentou-se na minha frente.

— Muito bem. Então o que o senhor deseja?

Alcino tem 55 anos mas aparenta 40. Tem cara de cigano, forte, marcada, olhos de lince, claros e miúdos. É um desses tipos brasileiros que podemos chamar de marrom, perto do mulato, mas de pele dourada. Dificilmente solta um riso, mas quando solta é uma benção. Ouviu atentamente mas assim que acabei disse:

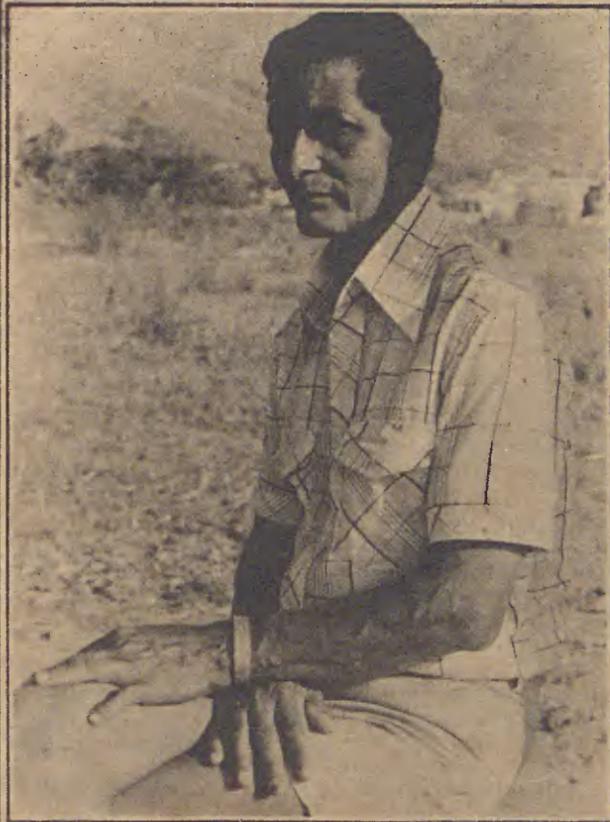
"É impossível..." com tal firmeza que pensei que tudo ia acabar por ali mesmo, se ele não tivesse dito logo em seguida: "a não ser que você consiga uma autorização do juiz". Contou que tinha tentado isso quando foi solto, ao ser procurado por um jornal que lhe ofereceu vários milhares de cruzeiros para contar sua vida.

— Mas a coisa ainda estava muito quente, os jornais deram minha saída com destaque, o Lacerda vivo, essas coisas. O juiz me aconselhou a não falar nada. Pode ser que você consiga agora.

runa (Estado do Rio) e da mineira d. Leonídia, Alcino é o caçula de uma família de 12 irmãos. Começou a ganhar a vida como tropeiro, assim que o pai morreu. Com seu lote — 11 burros chefiados por "Gasolina", o mais inteligente — fazia mudanças, levava cereais de Itaperuna para cidadezinhas do norte de Minas. Até aos 17 anos, quando resolveu largar tudo por um motivo que prefere não revelar. Foi nessa idade que se casou pela primeira vez.

Q

— É uma profissão em que você não se cansa de trabalhar, quer sempre pegar mais; não se se é ambição ou paizão...



Descobriu uma jazida de mica e ametista, começou a explorar, fez um rancho para a família, mas um dia apareceram por lá "os americanos" de uma empresa, que o levaram preso para Belo Horizonte, sob a acusação de estar explorando terra alheia. O certo é que o caso acabou saindo nos jornais, o então prefeito Juscelino Kubitschek tomou conhecimento e nomeou um advogado para defendê-lo. Ao ser solto, 40 dias depois, Alcino foi esperar Juscelino chegar à Prefeitura para agradecer.

— Ele disse que não era nada, e ainda me deu uma carta de apresentação para o caso de eu precisar, que só fui usar anos e anos depois.

Alcino voltou ao garimpo. Com a indenização de 25 mil reais, que ganhou dos americanos, associou-se com um cunhado para continuar no ramo — as famílias dos

quando o dinheiro desapareceu quase completamente, passou a ganhar a vida jogando malha até enfrentar uma outra profissão — garimpeiro de mica e pedras preciosas num lugar chamado São Geraldo do Baixio. Primeiro trabalhou na terra dos outros depois resolveu agir por conta própria.

dois (Alcino já estava então com 5 filhos, 4 mulheres e 1 homem) passaram a viver juntas, indo de um lado para outro até descobrir uma outra jazida de mica. Chegaram a escavar a mina, a ganhar algum dinheiro com ela, mas houve um desmoronamento e não quiseram correr o risco de fazer outra escavação.

Depois de tentar a sorte no comércio — "Era a mulher que cuidava de tudo", Alcino aprendeu uma nova profissão, assentando tijolo numa casinha que as duas famílias construíram em São Geraldo — mestre de obras.

Mudou-se para outra cidade mineira, Resplendor, onde o prefeito Zequinha, do PTB, seu conhecido, arrumou-lhe emprego na construção de uma ponte. No dia da inauguração de uma espécie de cumieira da ponte, com os 13 operários em cima, Alcino ouviu "um barulho que parecia um tiro" — era a ponte despencando 15 metros abaixo, todo mundo caindo n'água. Sorte do prefeito e comitiva, que iam passar sobre a ponte logo depois dos operários caírem n'água. Alcino foi retirado alguns metros antes de uma cachoeira. A versão que correu na época em Resplendor dizia que o acidente tinha sido provocado pela UDN, despeitada com a maior realização do prefeito Zequinha.

M

mais um tempo, Alcino recebeu de Elias — um amigo — um convite: "Vamos para o Rio!". Topou de cara a nova aventura. Foi na frente da família, plantou-se em São João do Meriti, na baixada fluminense, junto algum dinheiro, chamou pessoal. Foi ganhando a vida duro, vendo os anos passar. Um dia resolveu tirar a carta de apresentação do Juscelino do baú, para tentar uma sorte nova. Postou-se na porta da ABI, apresentou-se com ela a deputado federal Danton Coelho, político do PTB, a quem pediu emprego público — conseguiu um na Secretaria de Obras.

E assim levou a vida mais um tempo, até voltar ao deputado federal, pedindo um novo favor, pois como empreiteiro as coisas não iam bem. Acabou ganhando a confiança de Danton Coelho, que o apresentou a Gregório Fortunato, o chefe da Guarda Pessoal de Getúlio Vargas, por volta de 1952. Alcino também ganhou a confiança de Gregório, na época formando uma "polícia secreta", precisando de gente desconhecida no Palácio.

O primeiro encontro de Gregório e Alcino foi no famoso Mercadinho Azul de Copacabana (na época de Gregório), que existe ainda hoje na avenida Nossa Senhora de Copacabana. Houve um outro, para acerto final, na Churrascaria Gaúcha, no bairro de Laranjeiras, onde o chefe da Guarda Pessoal tinha mesa cativa. E Alcino — um jovem voluntarioso, "que nunca teve medo de cara feia nem de enfrentar qualquer trabalho" — foi à obra. Não se metia no Palácio mas foi conhecendo gente de lá, como Climério Euribes de Almeida e Antônio Soares. Climério ficou assim com a incumbência de "cobri-lo" nas "sindicâncias" que fazia para "a Ordem Política e Social" da época. A última dessas sindicâncias lhe foi apresentada por Gregório como um "caso muito especial": era sobre o candidato a deputado e dono da Tribuna da Imprensa Carlos Lacerda que não poupava ataques à família e ao governo Vargas. Recebeu a missão cerca de 4 meses antes da noite de 5 de agosto de 1954, em que deu dois tiros no peito do major da Aeronáutica Rubens Florentino Vaz. Conheceu Lacerda em plena campanha eleitoral:

— Ele passou a um metro de mim, com aquele terno branco de sempre, aquele óculos que parece fundo de garrafa, entrando na sede da ABI. Lá dentro, anotei as coisas que ele disse...



"NUNCA HOUVE PLANO PARA MATAR CARLOS LACERDA!"



Foto publicada por O Cruzeiro, de 21/8/54: uma foto "antiga" do major Rubens Florentino Vas, com a mulher e os filhos.

— "Nunca houve plano nenhum para matar Lacerda!"

O ex-pistoleiro Alcino João do Nascimento, depois de cumprir 22 anos de pena, aos 54 anos, desmente a tese de um complot contra o então jornalista e candidato a deputado estadual Carlos Lacerda. Seu principal argumento é fóbico: num comício em Nova Iguaçu (cidade das mais violentas da Baixada Fluminense), dias antes do atentado da Toneleros, Alcino estava vigiando Lacerda, a dois metros de distância, no próprio palanque. "quando as luzes se apagaram por dez minutos". Poderia então tê-lo morto nessa ocasião, é o que Alcino sugere. Também Climério ali estava, no palanque.

Depois do "acidente da Rua Toneleros" — como ele diz — fugiu (ver sua versão sobre a Rua Toneleros no texto que acompanha o gráfico da extinta revista O Cruzeiro). Depois de ficar oito dias escondido numa chácara de Climério, vendo que nos noticiários "não aparecia o nome de ninguém" e sabendo pelos amigos que nada de anormal acontecia nos arredores de sua casa, Alcino resolveu ir apanhar a família.

Chegou, num carro alugado, deu várias voltas no quarteirão, e finalmente entrou. Uma das filhas agarrou-se a ele chorando: "Senti logo que havia algo de anormal. Ouvi uma ordem de prisão e virei pra trás: vi perto de 12 homens, com 12 metralhadoras apontadas para mim."

Metido imediatamente num carro — a família em outro —, Alcino foi levado para o Galeão, onde corria o inquérito policial-militar. Ali passou 48 dias, preso no pavilhão dos oficiais. O inquérito era presidido pelo major Scaff. No dia seguinte à sua chegada, Alcino foi chamado à presença do Brigadeiro Eduardo Gomes, então diretor das Rotas Aéreas da FAB. Foi a única vez em que o viu. O Brigadeiro lhe disse:

— "Como é? Você está disposto a falar sobre o que fez?"

— "Apenas aquilo que fiz. Nada mais do que isso", respondeu.

O Brigadeiro olhou-o por alguns segundos e retirou-se.

Os depoimentos eram tomados em separado, só uma vez ou outra houve acareação

entre os cinco principais implicados: Gregório, Alcino, Climério, Soares e Nelson. O local onde se desenrolou o inquérito ficou conhecido na história como "República do Galeão", tamanhos os poderes de que se investiram os responsáveis pelo IPM. No relatório entregue ao Ministério da Aeronáutica um mês e meio depois do crime, o encarregado do inquérito, coronel João Adil Oliveira, diz:

... logo que incumbidos do IPM, tivemos inicialmente de organizar um verdadeiro aparelho policial, inexistente na Aeronáutica...

No interrogatório, diz Alcino, faziam muitas perguntas "sobre a participação da família Vargas". Não havia maus tratos enquanto o chefe do inquérito estava presente. No dia em que Getúlio se matou, a sessão foi interrompida:

— "Veja o que vocês fizeram! Matarão o Presidente!" — gritou o major Scaff.

Nesse dia "as coisas esfriaram, não houve mais interrogatório".

De sua vida na prisão, guarda lembranças "do arco da velha". Atacado com um "estoque" duas vezes. A primeira, em 59: conseguiu dominar o atacante e desarmá-lo. No ano em que foi atacado pela segunda vez, em 62, tem uma lembrança inesquecível. Lacerda já era o Governador da antiga Guanabara e foi visitar a penitenciária. E lá, Alcino fazia parte do coral de internos, como primeira voz.

— "Ele chegou a passar a cinco metros de mim. Soube que ele sabia que eu estava lá. Cantamos uns seis minutos", diz Alcino, tranquilo.

Preso, desquitou-se da primeira mulher, mãe de seus cinco filhos. E preso, teve quatro outras mulheres, que chegaram a ter o "cartão de visita íntima", graças ao bom comportamento de Alcino. Após dezenas de recursos, conseguiu a liberdade condicional a 9 de abril do ano passado. Ele tem então a última visão de sua vida no presídio: pediu licença ao diretor, correu para o telefone e ligou para sua atual mulher Elisa: "Venha me buscar! Estou livre!" E ela foi, no carro de uma das filhas de Alcino — casa da com um major da Aeronáutica.

— "Levo ao conhecimento de V. Senhoria que, estando em entendimentos com o sr. dr. assistente do Diretor, ouvi vários gritos. Para meu espanto, deparei com o interno Feliciano Damas Emiliano, que corria empunhando uma faca-punhal, procurando atingir outro interno de nome Gregório Fortunato, que já se encontrava atingido, entre a região mamária..."

E assim morria o "Anjo Negro", 8 anos depois de Getúlio, por quem Gregório Fortunato teria sido capaz de dar a vida. Morto por um companheiro de prisão, na Penitenciária Lemos de Brito, Rio de Janeiro, a 23 de outubro de 1962. Por que Gregório foi assassinado? Em seu relatório, o inspetor Lourival Silva nada adianta — apenas continua dizendo, em linguagem burocrática, que Gregório chegou a ser levado às pressas para um hospital. E lá chegou morto.

Era um preso de "comportamento excepcional", conforme indicava a cor de seu cartão dentro da Penitenciária: verde — porque, em oito anos de cadeia, não havia recebido sequer uma punição. Respeitado pela administração e pelos colegas — "não negava ajuda a ninguém", diziam. Um deusento mais antigo, Abdou Faria, cumprindo

mos de Brito em 9/11/56. Pegou 51 anos, depois reduzidos a 33. Após um atentado, em que levou uma estocada na barriga, passou anos internado no hospital Souza Aguiar, onde veio a morrer em 29/3/75, com problemas de diabetes.

José Antônio Soares — Entrou no presídio a 3/10/54. "Este realmente não tinha nada a ver com nada, apenas nos levou duas vezes para ver os comícios do Lacerda", diz Alcino. Soares, transferido em 56 para o Lemos de Brito, devia cumprir 31 anos, mas conseguiu várias reduções e foi posto em liberdade a 11/11/75.

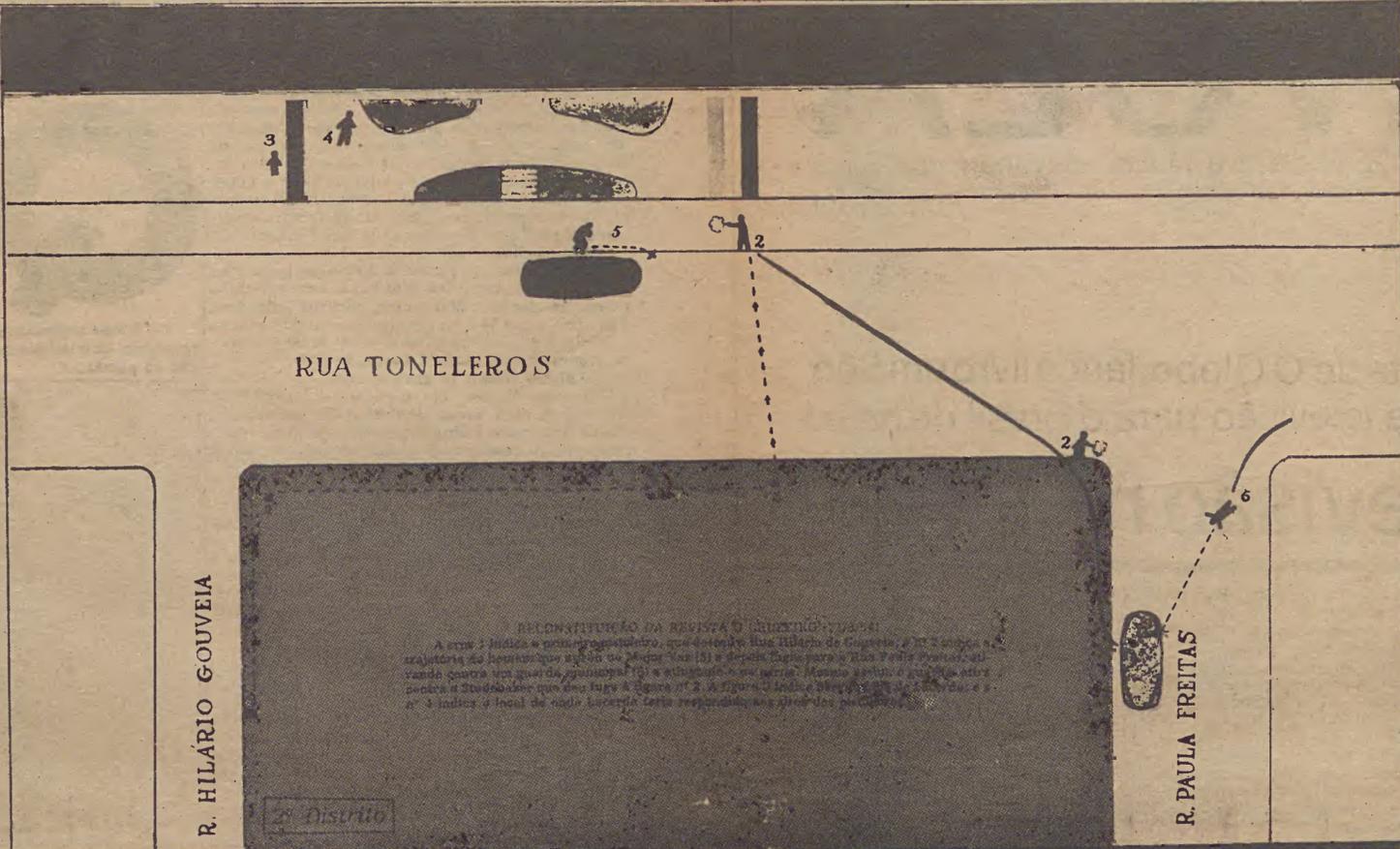
Neilson Raimundo de Souza — O motorista que tinha ponto na frente do Palácio do Catete. Estava com 47 anos aos ser preso. Entrou no presídio com os outros. Transferido igualmente para o Lemos de Brito. Pegou 11 anos e foi libertado por bom comportamento após 5 anos de pena. O único que não sofreu atentado na cadeia.

Gregório acabou morrendo em 62, atacado com uma faca-punhal. Nunca se conseguiu provar de onde partiam os atentados contra o "pessoal da Toneleros". Um breve resumo do destino de cada um:

Gregório Fortunato (ver o relato sobre sua morte) — Condenado a 25 anos de reclusão pelo Tribunal do Juri, como mandante do crime. Entrou no presídio do Distrito Federal (hoje Instituto Penal Milton Dias Moreira) com guia datada de 3/10/54. A 20/11/56, transferido para o Instituto Penal Lemos de Brito. Morto por outro interno a 23/10/62.

Alcino João do Nascimento — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido a 30/10/56 para Lemos de Brito. Condenado em dois processos a 51 anos de reclusão, depois reduzidos a 31 anos. Posto em liberdade condicional em 9/4/76, depois de quase 23 anos de prisão.

Climério Euribes de Almeida — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido para o Le-



VERSÃO DE ALCINO (24/8/77, 23º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE GETÚLIO)

Climério havia telefonado para Alcino, combinado com ele um trabalho de "espionagem": vigiar Lacerda num comício, no Externato São José. Lá, acabaram perdendo Lacerda de vista, mas "como ainda era cedo, Climério insistiu: Vamos ver com quem ele chega na Toneleros". Climério chamou então o motorista Nelson pelo telefone. À meia-noite, chegaram três pessoas num carro, Lacerda já era o Governador da antiga Guanabara e foi visitar a penitenciária. E lá, Alcino fazia parte do coral de internos, como primeira voz.

— "Ele chegou a passar a cinco metros de mim. Soube que ele sabia que eu estava lá. Cantamos uns seis minutos", diz Alcino, tranquilo.

Preso, desquitou-se da primeira mulher, mãe de seus cinco filhos. E preso, teve quatro outras mulheres, que chegaram a ter o "cartão de visita íntima", graças ao bom comportamento de Alcino. Após dezenas de recursos, conseguiu a liberdade condicional a 9 de abril do ano passado. Ele tem então a última visão de sua vida no presídio: pediu licença ao diretor, correu para o telefone e ligou para sua atual mulher Elisa: "Venha me buscar! Estou livre!" E ela foi, no carro de uma das filhas de Alcino — casa da com um major da Aeronáutica.

— "Levo ao conhecimento de V. Senhoria que, estando em entendimentos com o sr. dr. assistente do Diretor, ouvi vários gritos. Para meu espanto, deparei com o interno Feliciano Damas Emiliano, que corria empunhando uma faca-punhal, procurando atingir outro interno de nome Gregório Fortunato, que já se encontrava atingido, entre a região mamária..."

E assim morria o "Anjo Negro", 8 anos depois de Getúlio, por quem Gregório Fortunato teria sido capaz de dar a vida. Morto por um companheiro de prisão, na Penitenciária Lemos de Brito, Rio de Janeiro, a 23 de outubro de 1962. Por que Gregório foi assassinado? Em seu relatório, o inspetor Lourival Silva nada adianta — apenas continua dizendo, em linguagem burocrática, que Gregório chegou a ser levado às pressas para um hospital. E lá chegou morto.

Era um preso de "comportamento excepcional", conforme indicava a cor de seu cartão dentro da Penitenciária: verde — porque, em oito anos de cadeia, não havia recebido sequer uma punição. Respeitado pela administração e pelos colegas — "não negava ajuda a ninguém", diziam. Um deusento mais antigo, Abdou Faria, cumprindo

mos de Brito em 9/11/56. Pegou 51 anos, depois reduzidos a 33. Após um atentado, em que levou uma estocada na barriga, passou anos internado no hospital Souza Aguiar, onde veio a morrer em 29/3/75, com problemas de diabetes.

José Antônio Soares — Entrou no presídio a 3/10/54. "Este realmente não tinha nada a ver com nada, apenas nos levou duas vezes para ver os comícios do Lacerda", diz Alcino. Soares, transferido em 56 para o Lemos de Brito, devia cumprir 31 anos, mas conseguiu várias reduções e foi posto em liberdade a 11/11/75.

Neilson Raimundo de Souza — O motorista que tinha ponto na frente do Palácio do Catete. Estava com 47 anos aos ser preso. Entrou no presídio com os outros. Transferido igualmente para o Lemos de Brito. Pegou 11 anos e foi libertado por bom comportamento após 5 anos de pena. O único que não sofreu atentado na cadeia.

Gregório acabou morrendo em 62, atacado com uma faca-punhal. Nunca se conseguiu provar de onde partiam os atentados contra o "pessoal da Toneleros". Um breve resumo do destino de cada um:

Gregório Fortunato (ver o relato sobre sua morte) — Condenado a 25 anos de reclusão pelo Tribunal do Juri, como mandante do crime. Entrou no presídio do Distrito Federal (hoje Instituto Penal Milton Dias Moreira) com guia datada de 3/10/54. A 20/11/56, transferido para o Instituto Penal Lemos de Brito. Morto por outro interno a 23/10/62.

Alcino João do Nascimento — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido a 30/10/56 para Lemos de Brito. Condenado em dois processos a 51 anos de reclusão, depois reduzidos a 31 anos. Posto em liberdade condicional em 9/4/76, depois de quase 23 anos de prisão.

Climério Euribes de Almeida — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido para o Le-

mos de Brito em 9/11/56. Pegou 51 anos, depois reduzidos a 33. Após um atentado, em que levou uma estocada na barriga, passou anos internado no hospital Souza Aguiar, onde veio a morrer em 29/3/75, com problemas de diabetes.

José Antônio Soares — Entrou no presídio a 3/10/54. "Este realmente não tinha nada a ver com nada, apenas nos levou duas vezes para ver os comícios do Lacerda", diz Alcino. Soares, transferido em 56 para o Lemos de Brito, devia cumprir 31 anos, mas conseguiu várias reduções e foi posto em liberdade a 11/11/75.

Neilson Raimundo de Souza — O motorista que tinha ponto na frente do Palácio do Catete. Estava com 47 anos aos ser preso. Entrou no presídio com os outros. Transferido igualmente para o Lemos de Brito. Pegou 11 anos e foi libertado por bom comportamento após 5 anos de pena. O único que não sofreu atentado na cadeia.

Gregório acabou morrendo em 62, atacado com uma faca-punhal. Nunca se conseguiu provar de onde partiam os atentados contra o "pessoal da Toneleros". Um breve resumo do destino de cada um:

Gregório Fortunato (ver o relato sobre sua morte) — Condenado a 25 anos de reclusão pelo Tribunal do Juri, como mandante do crime. Entrou no presídio do Distrito Federal (hoje Instituto Penal Milton Dias Moreira) com guia datada de 3/10/54. A 20/11/56, transferido para o Instituto Penal Lemos de Brito. Morto por outro interno a 23/10/62.

Alcino João do Nascimento — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido a 30/10/56 para Lemos de Brito. Condenado em dois processos a 51 anos de reclusão, depois reduzidos a 31 anos. Posto em liberdade condicional em 9/4/76, depois de quase 23 anos de prisão.

Climério Euribes de Almeida — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido para o Le-

mos de Brito em 9/11/56. Pegou 51 anos, depois reduzidos a 33. Após um atentado, em que levou uma estocada na barriga, passou anos internado no hospital Souza Aguiar, onde veio a morrer em 29/3/75, com problemas de diabetes.

José Antônio Soares — Entrou no presídio a 3/10/54. "Este realmente não tinha nada a ver com nada, apenas nos levou duas vezes para ver os comícios do Lacerda", diz Alcino. Soares, transferido em 56 para o Lemos de Brito, devia cumprir 31 anos, mas conseguiu várias reduções e foi posto em liberdade a 11/11/75.



Coronel João Adil de Oliveira

Gregório Fortunato

gório acabou morrendo em 62, atacado com uma faca-punhal. Nunca se conseguiu provar de onde partiam os atentados contra o "pessoal da Toneleros". Um breve resumo do destino de cada um:

Gregório Fortunato (ver o relato sobre sua morte) — Condenado a 25 anos de reclusão pelo Tribunal do Juri, como mandante do crime. Entrou no presídio do Distrito Federal (hoje Instituto Penal Milton Dias Moreira) com guia datada de 3/10/54. A 20/11/56, transferido para o Instituto Penal Lemos de Brito. Morto por outro interno a 23/10/62.

Alcino João do Nascimento — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido a 30/10/56 para Lemos de Brito. Condenado em dois processos a 51 anos de reclusão, depois reduzidos a 31 anos. Posto em liberdade condicional em 9/4/76, depois de quase 23 anos de prisão.

Climério Euribes de Almeida — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido para o Le-

mos de Brito em 9/11/56. Pegou 51 anos, depois reduzidos a 33. Após um atentado, em que levou uma estocada na barriga, passou anos internado no hospital Souza Aguiar, onde veio a morrer em 29/3/75, com problemas de diabetes.

José Antônio Soares — Entrou no presídio a 3/10/54. "Este realmente não tinha nada a ver com nada, apenas nos levou duas vezes para ver os comícios do Lacerda", diz Alcino. Soares, transferido em 56 para o Lemos de Brito, devia cumprir 31 anos, mas conseguiu várias reduções e foi posto em liberdade a 11/11/75.

Neilson Raimundo de Souza — O motorista que tinha ponto na frente do Palácio do Catete. Estava com 47 anos aos ser preso. Entrou no presídio com os outros. Transferido igualmente para o Lemos de Brito. Pegou 11 anos e foi libertado por bom comportamento após 5 anos de pena. O único que não sofreu atentado na cadeia.

A morte do Tenente Gregório, o Anjo Negro

"Levo ao conhecimento de V. Senhoria que, estando em entendimentos com o sr. dr. assistente do Diretor, ouvi vários gritos. Para meu espanto, deparei com o interno Feliciano Damas Emiliano, que corria empunhando uma faca-punhal, procurando atingir outro interno de nome Gregório Fortunato, que já se encontrava atingido, entre a região mamária..."

E assim morria o "Anjo Negro", 8 anos depois de Getúlio, por quem Gregório Fortunato teria sido capaz de dar a vida. Morto por um companheiro de prisão, na Penitenciária Lemos de Brito, Rio de Janeiro, a 23 de outubro de 1962. Por que Gregório foi assassinado? Em seu relatório, o inspetor Lourival Silva nada adianta — apenas continua dizendo, em linguagem burocrática, que Gregório chegou a ser levado às pressas para um hospital. E lá chegou morto.

Era um preso de "comportamento excepcional", conforme indicava a cor de seu cartão dentro da Penitenciária: verde — porque, em oito anos de cadeia, não havia recebido sequer uma punição. Respeitado pela administração e pelos colegas — "não negava ajuda a ninguém", diziam. Um deusento mais antigo, Abdou Faria, cumprindo

mos de Brito em 9/11/56. Pegou 51 anos, depois reduzidos a 33. Após um atentado, em que levou uma estocada na barriga, passou anos internado no hospital Souza Aguiar, onde veio a morrer em 29/3/75, com problemas de diabetes.

José Antônio Soares — Entrou no presídio a 3/10/54. "Este realmente não tinha nada a ver com nada, apenas nos levou duas vezes para ver os comícios do Lacerda", diz Alcino. Soares, transferido em 56 para o Lemos de Brito, devia cumprir 31 anos, mas conseguiu várias reduções e foi posto em liberdade a 11/11/75.

Neilson Raimundo de Souza — O motorista que tinha ponto na frente do Palácio do Catete. Estava com 47 anos aos ser preso. Entrou no presídio com os outros. Transferido igualmente para o Lemos de Brito. Pegou 11 anos e foi libertado por bom comportamento após 5 anos de pena. O único que não sofreu atentado na cadeia.

Gregório acabou morrendo em 62, atacado com uma faca-punhal. Nunca se conseguiu provar de onde partiam os atentados contra o "pessoal da Toneleros". Um breve resumo do destino de cada um:

Gregório Fortunato (ver o relato sobre sua morte) — Condenado a 25 anos de reclusão pelo Tribunal do Juri, como mandante do crime. Entrou no presídio do Distrito Federal (hoje Instituto Penal Milton Dias Moreira) com guia datada de 3/10/54. A 20/11/56, transferido para o Instituto Penal Lemos de Brito. Morto por outro interno a 23/10/62.

Alcino João do Nascimento — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido a 30/10/56 para Lemos de Brito. Condenado em dois processos a 51 anos de reclusão, depois reduzidos a 31 anos. Posto em liberdade condicional em 9/4/76, depois de quase 23 anos de prisão.

Climério Euribes de Almeida — Entrou no presídio a 3/10/54. Transferido para o Le-

mos de Brito em 9/11/56. Pegou 51 anos, depois reduzidos a 33. Após um atentado, em que levou uma estocada na barriga, passou anos internado no hospital Souza Aguiar, onde veio a morrer em 29/3/75, com problemas de diabetes.

José Antônio Soares — Entrou no presídio a 3/10/54. "Este realmente não tinha nada a ver com nada, apenas nos levou duas vezes para ver os comícios do Lacerda", diz Alcino. Soares, transferido em 56 para o Lemos de Brito, devia cumprir 31 anos, mas conseguiu várias reduções e foi posto em liberdade a 11/11/75.



Artur da TÁVOLA

Entrevista a Mylton Severiano da Silva
Foto Avani

O "guru" da crítica de televisão, colunista de O Globo, lança livro em São Paulo e diz qual o seu modelo ideal de televisão para o Brasil de hoje.

"Pior é o que a televisão não faz"

Quem senta na cabeceira da mesa redonda? É Artur da Távola, o legendário cavaleiro inglês que, mil anos atrás, teve a idéia de reunir outros cavaleiros para debater assuntos comuns; e que, para ninguém se sentir menos importante que os outros nas reuniões, mandou construir uma mesa — ou tábola redonda. E assim tornou-se rei.

O "guru" da crítica de televisão escolheu Artur da Távola como pseudônimo, mas chama-se Paulo Alberto (Monteiro de Barros) Muito jovem, o carioca Paulo Alberto

começou a fazer política e tornou-se líder estudantil, num grupo de onde saíram nomes como Glauber Rocha, Cacá Diegues, Arnaldo Jabor. E muito moço, ele foi eleito deputado estadual da Guanabara, pelo Partido Trabalhista Brasileiro — PTB — destacando-se logo pela agressividade. Casado com a filha de Anísio Teixeira, um dos maiores educadores do mundo, dele recebeu grande influência. Casado em 64, aos 28 anos, Paulo saiu do País mas retornou alguns anos após e entrou no jornalismo,

lançando então na Última Hora do Rio uma coluna de tv: Artur da Távola. Criticando não só programas, mas a iluminação, direção, interpretação dos atores, cenografia, etc., em pouco tempo passou-se a atribuir a ele, inclusive, a responsabilidade de ter contribuído para a própria renovação de nossa televisão. Aos 41 anos, Artur assina hoje críticas em O Globo e dirige a revista Amiga, especializada em televisão. Falamos com ele este último fim de semana: veio a São Paulo para lançar

o seu primeiro livro, Mevitevendo (editora Salamandra), de crônicas publicadas em O Globo. São textos que nada têm a ver com a televisão, são "crônicas da vida: o desabafo de um homem", onde Artur se revela um ser em conflito entre três polos: o político, o existencial e o religioso. Prefácio de Jorge Amado, que se confessa "leitor fiel de Artur da Távola desde os tempos da Última Hora de Samuel Wainer". Em nossa entrevista falamos apenas de televisão.

— Como crítico que você é, gostaria que estabelecesse um paralelo entre o nosso modelo de televisão, e a visão que você teria — e certamente tem — do que deva ser a televisão, o modelo que você tem.

— "Eu acho que todo modelo, todo sistema de televisão, depende do modelo do país. O Brasil — e aí vai até surpreender você — eu acho que tem uma televisão acima da média cultural do País. Isso em termos culturais. Em termos de produção, a tv está realizada. Ela é uma tv capitalista, realizada como modelo de uma sociedade de mercado. Vamos ver: 1, ela criou um mercado; 2, ela fala com o seu mercado, sabe qual a realidade desse mercado; e 3, está atendendo à necessidade desse mercado. Ela abriu um mercado e o conquistou. É um veículo nacional. Portanto, prosperou. E, através da pesquisa, ela ainda é, indiretamente, uma instituição que aceita o veredito popular".

— Por quê, como?

— "Na medida em que trabalha, ela precisa estar muito próxima — ela está sempre consultando seu mercado para ver o que ele quer".

— Bem, então continuando, como você veria a boa televisão no Brasil?

— "Nesse sistema?"

— Nesse sistema.

— "Nesse sistema eu veria uma tv como a que existe, porém com maiores — eu não queria usar a expressão *obrigações*... uma tv que atendesse mais à faixa infantil. E dois, que refletisse mais a cultura brasileira. Nesse particular, não faço coro com os que dizem que a violência é séria — é mais sério o que a televisão não faz, do que o que faz. O que poderia estar fazendo e não faz, é mais grave. Não concordo em que todos os programas influam tanto. Fui educado com histórias em quadrinhos, e tudo, e sou um pacifista arregrado!

— "Outra coisa seria a — também não quero usar *obrigatoriedade*... mas deve haver um mínimo de programação local, fixando o talento local. Deve haver os novelões,

mas que haja programas locais. Se não, a concessão de um canal fica sendo uma coisa melhor do que um cartório. Se de um lado aprovo o esforço existente — esse esforço deve ser dividido. O canal lá de Caxias do Sul precisa fazer também o seu programa. Era necessário haver uma abertura para todos os canais.

— "Quarto, no meu modelo — isso não depende propriamente das televisões — é o telejornalismo. Que tivesse condições de refletir a realidade brasileira. Ou seja, com o índice de censura à informação por tv, que é o veículo mais censurado, o telejornalismo está sempre amarrado. Amarra-o também a falta de formação de pessoal especializado".

— Quanto a criança e brasilidade, gostaria de dizer que fiz uma reportagem recentemente e vi que, de dez crianças consultadas a esmo, em todas as faixas sociais, dos 6 aos 14 anos, pelo menos sete falaram em programas chamados Ultra Seven, Shadow Boys, SWAT, Kojak. Agora, é verdade que também vêem muita coisa fora de seus horários...

— "Nós temos no horário nobre um dos maiores índices de programação local do mundo, creio que 75 por cento de programação nacional no horário nobre".

— São as novelas...

— "Não: novelas e shows, telejornalismo. Criança vê muita novela, e com isso está recebendo uma carga muito grande do comportamento do homem brasileiro. A censura é mais branda na novela — e recentemente a censura até jogou o balão de censurar a emoção, você imagine".

— Mas o que notei, nos últimos anos, é que a televisão, vamos dizer a Globo, veio "higienizando" o seu vídeo, eliminando Charinhas, Dercys Gonçalves, o Costinha, elementos populares; o próprio Golias, na Globo, piorou pra mim. Uma espécie de "asepsia"...

— "Eu chamo de *acrítico*. Mas o que matou os programas de auditório foram a câmara portátil e o editor eletrônico. Não ma-

to, porque o programa de auditório não morre; matou a febre. Um marco na história da televisão. E vai ter um marco a partir do jornalismo eletrônico. Que a Globo muito viva já botou o nome lá: *Jornalismo Eletrônico*".

— Pode-se colocar os fatos no ar no instante em que estão acontecendo, não é isso?

— "E com um equipamento mínimo. Eles tiraram a televisão do estúdio. A tecnologia. Mas ao retirar do vídeo aqueles elementos que você citou, a Globo fez uma jogada que deu certo. Quando a Globo conquistou a classe C, passou a fazer uma programação que dava a estes espectadores a sensação de subida de status, que é uma das molas do sistema, e que correspondia não propriamente ao desenvolvimento global da economia brasileira, mas a alguns de seus segmentos."

— Sim, os participantes do milagre. Aquele 1 ou 2 por cento a quem televisão realmente se dirige, os "consumidores"... Agora, você falou no marco que passará a ser o jornalismo eletrônico, e eu lembraria outro: as perspectivas que se abrem com a transformação do televisor num simples terminal, onde posso ver o que quero, bastando comprar os cassetes. Coisas aliás que já está aí, com o lançamento do telejogo entre nós.

— "E já existe entre nós uma fábrica de videocassetes, há uns 4 anos, a Lidervideo. Um grande caminho da televisão seria transformar-se no auxiliar insubstituível do professor, com os videocassetes. Isso começava a desenvolver-se no Brasil, mas sofreu um retardo por causa das restrições a importações: veja como é o subdesenvolvimento, não ter tecnologia... Mas podia-se concentrar recursos das Tvs Educativas em centros de produção, que abasteceriam as tvs e entrariam em convênio de produção com canais privados. A política do videocassete poderia produzir Videotecas por exemplo na Móoca, nas cidades do interior — videocassetes à disposição dos professores. Cassetes com imagens de acidentes

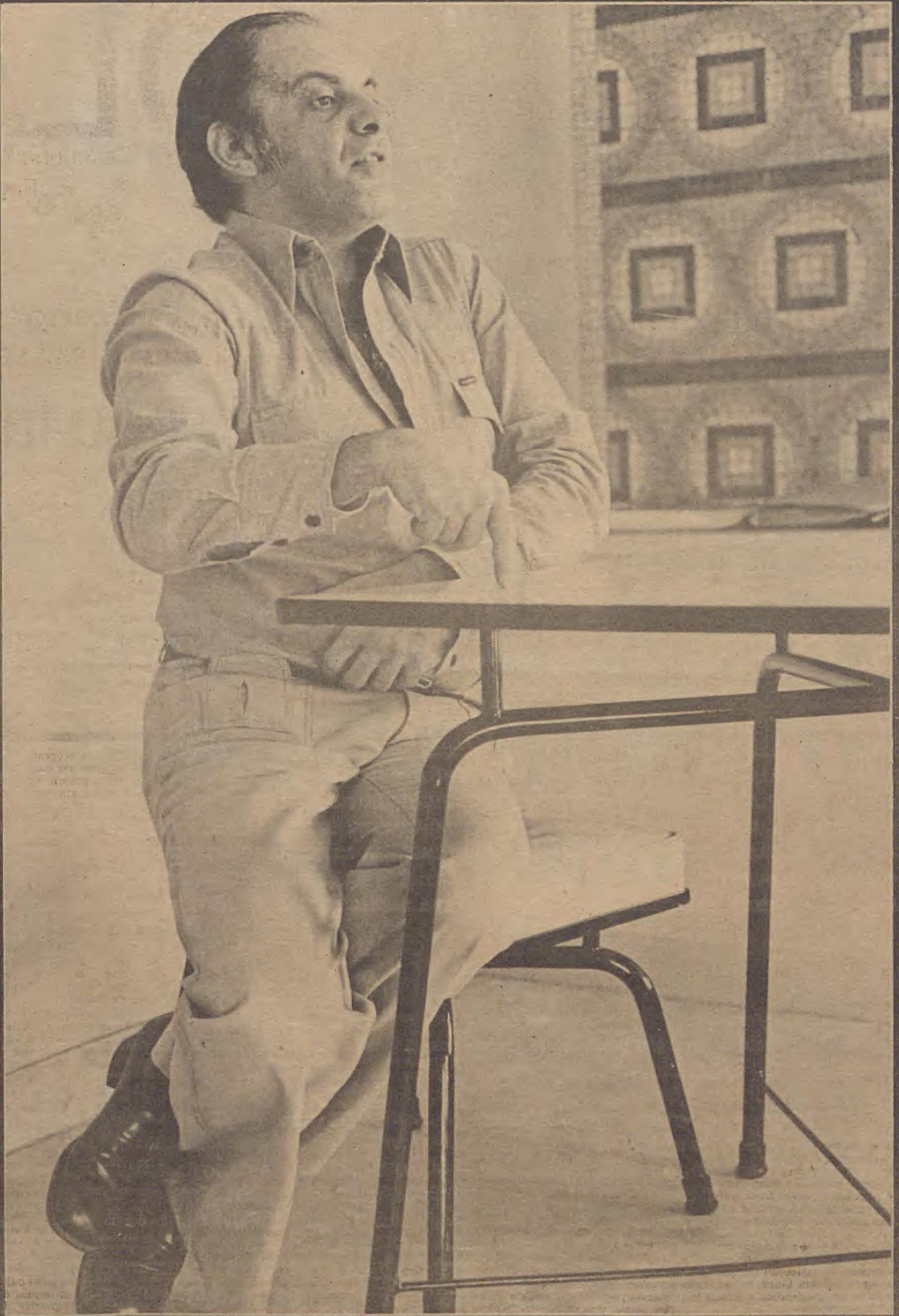
geográficos, a orografia, para professores de Geografia por exemplo, para que ele desse a sua própria aula, e não como nos atuais cursos, em que a aula vem pronta. Isso coloca a tv no seu verdadeiro trilha: o circuito aberto para o lazer; e o fechado para a formação e para tudo aquilo que o circuito aberto não pode exibir — por razões de mercado, horário, censura, interesses comerciais, etc.

— "No meu País ideal haveria o circuito aberto, o fechado e centros produtores. Porque a televisão é um veículo consumido pelo homem em estado de lazer. Claro que o inglês vê Shakespeare..."

— Eu que não tenho televisão em casa há sete anos, acabaria comprando uma. Seria ótimo ter a disposição cassetes com musicais, esporte, ou um "Rei da Vela", de Oswald de Andrade...

— "Não precisa tanto. Eu me satisfaria com Éramos Seis, a novela baseada no romance da Sra. Leandro Dupré, com o Gianfrancesco Guarnieri: está acima da média cultural do País. O Grito, a novela que mais coisas falou na televisão brasileira, do Jorge Andrade. O Espigão do Dias Gomes — acima da média. E por quê? Porque se o País tivesse bibliotecas e teatros, tudo bem. Mas aquelas populações periféricas não tem outra forma de aculturação, e a novela. Porque se a média fosse alta, haveria no interior uma vida cultural representativa.

— "Nenhuma televisão desenvolve nenhum país. O país é que desenvolve uma televisão. É um esforço civilizatório de um país — isso é que determina a média cultural. Agora, o Brasil está vivendo os primórdios da implantação do capitalismo. É muito difícil querer que a televisão vá suprir este gap, essa dissonância entre o nível cultural e as necessidades culturais. Não cabe a ela, isso. E em termos de nível cultural, ela é uma forma possível de levar cultura brasileira — tem 80 por cento dos melhores atores brasileiros; dentro do modelo, ela é um segmento que deu mais certo que outros."



do "Luz" local. Deve haver no máximo, 100% de iluminação natural. Para saber o número de metros que



Os americanos do norte que dirigem a R.J. Reynolds gastaram uma fortuna em dólares para dopar a cabeça dos brasileiros com a idéia que o novo cigarro Kingston é melhor que o Hollywood. Mas, com toda preocupação pela eficiência, cometeram um pequeno erro de marketing: escolheram para sustentar a campanha de lançamento do Kingston um modelo fotográfico francês, que deixou de fumar há oito anos. Pascal Balan, que aparece sem cessar em **out-doors** e na tevê, cavalgando motos e balões, cercado de belas mulheres, é um típico machão da classe média, mas não fuma! Quando ele tinha 18 anos, ganhou um carro de presente de seu pai, justamente para que deixasse de fumar. Pascal disse também que se visse uma criança com um cigarro na boca, tomaria. Mas proibiu que isso fosse publicado, senão desmentiria tudo, por "respeito" às pessoas com quem trabalhava. Desde os comerciais, Pascal e sua mulher, a chilena Mercedes, vivem com o dinheiro do "trabalho": moram em hotel, comem em restaurantes, viajaram à Bahia de carro, e agora vão para o México. Então, é assim: Pascal, que ganhou um carro para deixar de fumar, ganhou férias no Brasil, para dizer que fumava. Tudo porque a R.J. Reynolds, norte-americana, quer derrubar a Souza Cruz, inglesa. Desminta, Pascal! Desminta, R.J. Reynolds!



Chega de mentira, o garoto Kingston não fuma!

Por Rosely Forganés

Fotos de Elvira Alegre

Ficar só com 9% do mercado nacional de cigarros era muito pouco para a R.J. Reynolds, maior empresa de comercialização de tabaco dos Estados Unidos, instalada há três anos no Brasil. Era preciso estar entre as primeiras na preferência dos consumidores, arrancar nem que fosse 1 por cento da Souza Cruz, companhia de capitais ingleses que detém 82 por cento do mercado nacional. E assim a Reynolds gastou - diz ter gasto, pelo menos - 1 milhão de dólares em pesquisas no mercado nacional, para o lançamento de duas marcas, Kingston e Chancellor, que concorressem com os melhores vendedores da Souza Cruz, Hollywood e Minister. Um milhão de dólares em pesquisas de mercado, sem contar gastos promocionais!

O presidente da Reynolds no Brasil, Eric Egan, não quis falar em cifras, mas disse à revista Veja que "a marca Kingston será apoiada pela maior campanha publicitária que já se fez neste país para uma nova marca de cigarros".

É assim que entram nesta história de competições e desperdícios capitalistas, o francês Pascal Marie Lionel Balan, de 26 anos, o "Garoto Kingston", e sua mulher, a bela chilena Mercedes, de 22 anos, que aparece com ele no comercial de tevê que apóia o lançamento. A tônica da campanha não difere de muitas outras do gênero: valorização do status, consumismo e agressividade. A diferença entre um garoto e um homem, segundo o anúncio, seria que o homem chega de motocicleta, com ar de superioridade arrogante, é cercado por um grupo de belas mulheres, embarca em um balão e parte sozinho, enquanto as mulheres ficam acenando as mãos. Ele fuma Kingston é claro.

Por coincidência, Pascal tem mesmo uma motocicleta, que ficou com seu irmão, corredor na França. Aos 18 anos, ganhou de seu pai um carro, como prêmio para que deixasse de fumar. Há oito anos, portanto, que o garoto Kingston deixou de fumar. "Mas não adianta você publicar, que eu vou desmentir. Eu posso sair por aí fumando, porque eu já fumei e posso fumar de novo, e assim desmentir tudo que você publicar."

Sem serem políticos, Pascal e Mercedes se dizem marcados por fatos políticos ocorridos em seus países. Ele, pelo maio de 68, na França: "Foi quase uma guerra civil, até as pessoas do campo, ou quem não estava preocupado com política, como eu, teve que se envolver, porque todos os nossos valores, todas as coisas importantes para nós foram posta em questão". Ela, marcada pelo golpe

norante, politicamente, mas depois do golpe todo mundo foi obrigada a tomar consciência das coisas." Há pouco mais de um ano no Brasil, onde veio de Viña del Mar para estudar ballet, Mercedes já foi capa de Status, reportagem de Lui, Cláudia e outras revistas de moda. Os dois se conheceram na agência Bernard, onde estão catalogados como modelos fotográficos.

Pascal, nascido em Mercure, pequena cidade de Borgonha, caçula de nove irmãos, formado em Direito, nunca exerceu a profissão, por não gostar dela. Trabalhou como ator de teatro e cinema amadores, e como modelo fotográfico, na França, até que decidiu conhecer a América Latina, com um amigo. A partir da Venezuela, viajaram de carro pela Colômbia, Peru, Chile, Argentina e Brasil. Em São Paulo, transformou-se no Garoto Kingston. Ou já era?

Pessoalmente, Pascal parece quase tímido, sem nada a ver com aquela imagem agressiva da propaganda. Um jovem com tantos, que gosta de leituras - seu livro favorito é do filósofo Gurgief, sobre o sentido da vida -, de cinema, música, esportes e viagens. Ele se diz muito místico, e fala do magnetismo das pessoas profundas, "aqueles que estão disponíveis, que querem aprender da vida, que são sinceras e que têm pureza". Ele nem se acha bonito, com a concordância de Mercedes:

"Ele não é nenhum Alain Delon. É bonito para quem não mora com ele. Vai morar com ele pra você ver como não vai achar tão bonito assim".

"Bom, você não pode querer que as outras pessoas tenham a mesma imagem que você tem de mim", reage Pascal, num tom de picuinha infantil.

Pascal, o peitudo dos anúncios de tevê, é um garoto tímido, que lê Gurgief, gosta de viagens, de jogar tênis, e de pessoas puras e sinceras.

militar chileno: "Foi uma verdadeira guerra civil. Mataram quase metade do país. Eu sempre fui e ainda sou ig-



Pascal e Mercedes moram num hotel, vivem viajando e curtindo a vida sem problemas políticos no Brasil. Ela fuma Pall Mall.

Mas se ele é assim tão diferente do anúncio, por que resolveu se vender, ou vender uma imagem e valores que nada têm a ver com os seus? Pascal, na defensiva, vai

Não passa um dia sem que o garoto Kingston seja reconhecido na rua. Mas Pascal já aprendeu a usar óculos escuros, ao estilo Mastroianni.

empilhando argumentos até contraditórios, para justificar sua participação no comercial:

"Os comerciais têm scripts muito rígidos, eu tive que fazer exatamente como mandaram. Eu faço o trabalho como me pedem".

"Não, eu não gostaria de fazer um comercial que dissesse: fume, porque é bom fumar. Não é isso que eu estou fazendo. Eu estou anunciando uma nova marca de cigarro, não o cigarro em si".

"Se o que eu 'vendo' for mudar a cabeça das pessoas naquilo que é fundamental, se vai realmente contra aquilo que eu penso, não vou vender".

"Se você quer fumar ou não quer fumar, não é por causa de um anúncio na televisão que você vai mudar de

idéia. Se você tem certos valores, ou deixa de ter, você não vai mudar".

"E depois, se eu não fizer, outro vai fazer, não é porque eu vou deixar de fazer que a coisa vai deixar de ser feita. A gente tem que viver, é um trabalho como outro qualquer. Uma vez assumido, a tem que fazer o melhor possível, goste ou não dele. Não adianta se fechar numa redoma, a gente está no mundo e o mundo é esse que está aí".

"Eu não acho que um comercial vai mudar a cabeça das pessoas. No dia em que a criança ver que o balão, a moto e o carro não têm nada a ver com o cigarro, ela vai deixar de fumar..."

"Eu sou só ator, eu não participo da montagem do filme. E é aquele trabalho, aquele arranjo final que realmente faz do filme aquilo que ele é".

"Além disso, eu precisava de grana e gosto de filmar. No dia em que eu puder escolher, é claro que vou escolher. Mesmo no cinema um ator não faz só o que quer, um iniciante não tem condições de escolher papel".

Todas essas justificativas não foram facilmente arrancadas de Pascal. Ele não queria nem mesmo dizer quanto ganhou com o trabalho. Limitou-se a revelar que "a grana compensou". Com ela, o casal está vivendo em condições razoáveis: "Comemos em bons restaurantes, moramos num hotel, fomos para a Bahia de carro, e agora vamos viajar novamente, para o México. Nós não somos materialistas, mas precisamos de dinheiro. Se eu quisesse status, carros e balões, teria ficado na França, onde é mais fácil conseguir essas coisas".

Mercedes defende o namorado: "Comercial é assim mesmo, sem muita arte, é esquema rígido. Quando você chega lá, já está tudo preparado".

Hoje, não há um só dia em que Pascal não seja reconhecido na rua. Outro dia, um garçon de um restaurante queria saber quanto ele faturava, como iam as vendas, de onde ele trazia a matéria-prima para fabricar o cigarro. Na praça da República, uma senhora perguntou: "É você o menino do Minister?" Já distribuiu autógrafos, abraços e beijos. Garotinhas telefonam para o hotel - Mercedes insiste para que atenda. Nos últimos dias, cansado, ele já começou a sair de óculos escuros na rua, ao estilo Mastroianni.

Então, Pascal, voce acha que cigarro faz mal?
"Se eu encontrar uma criança fumando, eu vou dizer a ela que não deve, eu vou tirar o cigarro da mão dela, se eu puder. Mas você também não vai publicar isso, porque eu vou desmentir. Eu nunca disse nada disso".

O seu 157 não é uma aventura.

O Fundo Banespa 157
é um investimento sólido
e certo.

As vantagens do Fundo Banespa
são exatamente aquelas que todo
mundo espera do seu 157: segurança
e tranquilidade.

O Banespa tem a Central de Informações, que
mantém você informado o tempo todo da evolução do seu dinheiro.

A qualquer hora, você pode
saber a posição exata do seu
dinheiro no Fundo Banespa 157.

E, na época de você receber as
suas cotas, elas podem ser
creditadas automaticamente em
sua conta, com mais um serviço
exclusivo do Banespa: o Resgate
Automático.

Aplique no Fundo Banespa 157
e garanta um novo tempo para
o seu investimento.

Veja como é fácil aplicar o seu 157.
Você só precisa levar a qualquer agência do Banespa o seu Certificado de Compra de Ações, que você recebe junto com a notificação do Imposto de Renda. Em seguida, será enviado a você o Comprovante de Aplicação, que indica o número de cotas e comprova a melhor rentabilidade para o seu dinheiro.

fundo banespa 157

Em todas as agências do Banespa e da Caixa Econômica Estadual.



SALADA PAULISTA



Gonzaga: "O músico vem sofrendo com o excesso de música importada."

Reage a música do Brasil! E o músico, como está reagindo?

Estão voltando os musicais. O Fino da Música, promoção Jovem Pan, está fazendo tanto sucesso, que no ano que vem já estão programados 12

shows, um por mês - no Anhembi, e com transmissão em vídeo-tape pela Tv Record.

O Fino da Música, promoção da Rádio Jovem Pan, está fazendo tanto sucesso que o último espetáculo da série precisou ser repetido no dia seguinte. Foi o Fino nº 4, com o Conjunto Atlântico, Waldir Azevedo, Luiz Gonzaga, Regional do Caçulinha, Altamiro Carrilho, Joel Nascimento (cavaquinho) e Zé da Velha (trombone) - frequentadores, estes dois últimos, do bar Sovaco de Cobra, reduto de chorões cariocas. Pois bem: os 3.400 ingressos para o show foram postos à venda um mês atrás, e duas semanas depois estavam esgotados, e aos preços de 50, 80 e 150 cruzeiros. A solução, então, foi realizar o quarto Fino da Música em dois dias, 26 e 27 de agosto, sempre o Anhembi.

Que sucesso é este? Vamos ouvir o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, quase 50 anos de carreira musical:

— "Isso é muito bom: o brasileiro, através de shows como este, pode reagir e sair feliz. Neste público, tem também gente da chamada classe A, que é a mais enganada e esnobe que existe, pois nem sequer toma conhecimento da gente, ou diz obrigado. O músico popular deve receber o show como retribuição, pois vem sofrendo há muito tempo pelo excesso da música importada."

Esta "reação" da música brasileira pode marcar uma data: 1º de março de 1977. Nesse dia, um conhecido musicólogo, José Eduardo Homem de Mello, o Zuza, foi chamado à Rádio Jovem Pan, convidado para bolar um só programa, dentro da campanha que a própria rádio vinha fazendo em defesa

do instrumentista brasileiro. Chegando lá, Zuza encontrou Tuta (Antônio Augusto Amaral de Carvalho), o diretor da Jovem Pan; e Nilton Travesso, produtor de famosos musicais da Tv Record, como O Fino da Bossa.

A idéia inicial era apresentar o show num local bem grande; um show sem "astros", transmitido pela rádio apenas, e em dia de semana, para testar a força do espetáculo. Então veio o nº 1, dia 27 de maio.

— "Conseguimos juntar, após 20 anos de separação, os componentes do Regional do Canhoto. Procuramos fazer uma reunião de artistas."

Lá estavam também o Conjunto Atlântico, orquestra de Raul de Barros, A Fina Flor do Samba, Paulo Moura. Um mês depois, o nº 2 juntava a Orquestra Tabajara e Severino Araújo, Elizeth Cardoso, Waldir Azevedo, Regional do Caçulinha. "As gravadoras começaram a procurar os músicos esquecidos, novamente", diz Zuza. Então vieram o nº 3 (com Elis, Cesar Camargo Mariano, João Bosco, Claudio Lucci, Renato Teixeira e Ivan Lins), e finalmente o nº 4. Os gastos com a produção (inclusive aluguel do Anhembi, 33 mil) ficam em torno de 140 mil cruzeiros; os ingressos, se considerarmos 3.400 vendidos ao preço médio de 93 cruzeiros, somariam 320 mil. O que daria um lucro de 180 mil. Sucesso de público total.

E os músicos, o que estão achando? Todos se declaram felizes, mas nenhum deles, neste último show, quis revelar de quanto é o cachê. Um deles, João Nogueira, sambista carioca, teve que pagar seus instrumentistas com dinheiro de seu próprio cachê. Mas Luiz Gonzaga justifica:

— "Se a Pan não está pagando bem, ao menos é sincera. Não creio que possa pagar o real valor de tanta gente boa. Quanto a mim, estou colhendo agora as minhas batatas, plantadas há muitos anos."

Adyel Ferreira da Silva

E quem resiste à cozinha italiana, onde se come com alegria?



Pesquisas revelam: mais de 50 por cento dos frequentadores de restaurantes, assustados com a inflação, passaram a comer "fora" bem menos do que em 1976. Mas as casas da zona super A - os chamados Jardins - continuam lotadas como sempre. E foi lá que Piero Luigi Grandi, ex-garçon, montou o seu próprio estabelecimento - "filho" do tradicional Giovanni e "neto" do outro restaurante mais tradicional ainda, o Gigetto. Resultado: sucesso total!

Como se estivesse mostrando o terno novo, Piero pára em volta das mesas, conversando e fazendo brincadeiras. Com a mão no ombro do amigo, ajuda a escolher o prato - é um ambiente familiar. Sempre gesticulando, caminha até a cozinha, e faz o pedido em voz alta com sotaque, completado com palavras italianas.

Preocupado em atender com rapidez, "vamos lá rapaz, feche a mesa 10", serve outra pessoa. Corta pão, embrulha prato "pra viagem", confere o troco, arruma troco, atende telefone. O guardanapo branco, sob o terno impecável, está manchado de tomate. E depois do amigo pagar a conta, ainda há tempo de oferecer um licorzinho. Piero trabalha 10, 12 "às vezes 16 horas por dia". Enquanto isso, em volta das 13 mesas e do pessoal que esperava vez para sentar, um trio canta na voz de Léo "Mano a Mano", acompanhado por um acordeon, e ao violão o seresteiro Tomé Dantas, que já gravou 8 discos.

Piero Luigi Grandi, um dos três donos da recém-inaugurada Cantina do Piero Ltda, rua Bela Cintra 2.157, tem 43 anos e é italiano de Gênova. Casado desde os 26 anos, "se não me enganar", Piero tem um casal de gê-

meos, Tullio e Tullia, de 17 anos. Só com o primário, chegou aos 20 anos de idade ao Brasil "com uma mão na frente e outra atrás" - explica. Foi fazer café e depois trabalhar numa fábrica. O pai comprou uma pensão familiar e depois vários bares.

— "Mas no último, na avenida São João, ele se ferrou. Com saudades, voltei pra Itália onde fiquei 3 anos."

Na Itália, trabalhou em restaurante - "e me afeiçoei com esse ambiente. Voltei pro Brasil, e fui trabalhar no Giovanni Bruno, e lá na Martinho Prado". Ficou três anos como garçon e cinco como gerente.

— "Então, com a cara e a coragem, além do apoio do Giovanni, eu e o Lindorfo - garçon do Giovanni Bruno na época - ficamos sócios do dono desse estabelecimento onde estamos, e montamos a cantina."

A Cantina do Piero, nascida há menos de 3 meses é como filha do Giovanni Bruno, explica Piero. "E o Giovanni Bruno também foi garçon no Gigetto, e saiu pra montar o seu restaurante. Quer dizer que nós somos netos do Gigetto." Na Bela Vista, num raio de 200 metros, estão todos os cinco "parentes" do Piero, todos com cozinha "típica italiana."

— "Do Gigetto, se formou o Giovanni Bruno, o Amicco/Piolin e o Montechiaro. O Orvietto veio do Piolin, e é neto do Gigetto como nós".

Aberta das 11 da manhã até 4 da madrugada, a Cantina do Piero tem 22 empregados. Em suas 13 mesas, cabem setenta pessoas. Os dias de "pico" são quinta, sexta, sábado e domingo.

— "Principalmente sábado, que é dia de freguesia nova, que

se precisa ter mais cuidados" - explica Piero.

Com uma média de 200 fregueses por dia, Piero diz que não pensava que tinha tantos amigos, quando resolveu montar "uma cantina simples numa boca do luxo". Seus amigos,

além de músicos e artistas, são jornalistas, como Mino Carta, diretor da revista Isto É, ou Murilo Felisberto, de O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde. Piero explica melhor:

— "A pessoa que entra aqui não é freguês. É amigo, porque eu quero que se sintam como se estivesse em casa, mesmo sendo a primeira vez."

Sua maior felicidade profissional, depois de ter montado restaurante próprio, é poder agora inventar um mundo de pratos novos. Pratos que trazem a "marca" Piero: o rigatone com funghi (cogumelos), que custa 65 cruzeiros; o talharini à l'Amore, à base de manteiga, queijo e cebola, 44 cruzeiros o escalopinho à Piero, filezinhos fritos, com vinho Madeira, cogumelo, queijo, palmito e espargos, 83 cruzeiros. Como se inventa um prato?

— "A gente faz e oferece a um amigo. Se ele gostar, começamos a fazer sempre. O próprio freguês dá palpites. Outro dia uma senhora pediu camarão com mostarda. Nós fizemos e deu certo".

Enfim, o sonho de Piero hoje, "é isso aqui". Mas não esquece o velho amigo Giovanni Bruno:

— "Talvez um dia, se eu pudesse me juntar de novo com ele, e montar uma cantina noturna, que trabalhe só das 7 da noite às 6 da manhã... Bem, espero que ele leia esta reportagem..."

Ivo F. Carra

**“Sou a favor do povo
do ponto de
vista político.
Mas do ponto
de vista estético,
sou contra.”**

(Do folclore político para o folclore publicitário.)



Use a linha Rastro e fique à vontade para fazer a sua política.

SALADA PAULISTA

Wander Piroli no teatro: seco e forte

Depois de curta temporada no Teatro Experimental Eugênio Kusnet, ex-Arena, a peça "Apenas América" prepara-se agora para correr os municípios do ABC e Santos, antes de voltar a São Paulo para uma temporada mais longa. São quatro peças pequenas (duas peruanas, uma argentina e outra colombiana), "alinhas" por um texto básico do brasileiro Wander Piroli: "A Mãe e o Filho da Mãe", numa adaptação do próprio diretor do espetáculo, Roberto Vignatti (do Grupo de Teatro Amador Teat, de Santo André).

A Colômbia está representada por "A Autópsia", de Henrique Boaventura, onde os pais de um

rapaz apanhado pela polícia discutem, no dia da autópsia do filho; em "O Galo", do peruano Vitor Zavalla, o sono dos camponeses é sempre interrompido por um galo que chama para o trabalho, até que um dia um rapaz resolve ir matar o galo; "Úfa, que Confusão", de outro peruano, Julio Ramón Ribeiro, leva ao ridículo um político de província subserviente a um poder instável: todo ato que ele apóia, no dia seguinte pode ser revogado; a Argentina comparece com "A Ordem", de Ricardo Helac, comédia hilariante: mostra a total impossibilidade de alguém responder a um interrogatório sem incriminar a si próprio.

Já a versão teatral de "A Mãe e o Filho da Mãe", de Wander Piroli, mostra a vida de uma família nordestina obrigada a migrar para São Paulo. O pai foge do Nordeste antes, e só vem a conhecer o próprio filho 16 anos depois. Acaba preso após uma briga com o vizinho que o acusava de ter abandonado a família. E o desfecho coroa uma tragédia brasileira de nossos dias.

Vignatti, o diretor, diz que foi muito fácil adaptar o livro de Wander — "ele tem uma linguagem incrivelmente teatral, com diálogos secos e fortes". O escritor, que mora em Belo Horizonte, pretende assistir à estréia da peça no ABC, dia 15 próximo no Teatro Municipal de Santo André (na verdade, 5 mil pessoas já viram a peça no ABC, mas em temporada "popular", fora dos teatros oficiais, para estudantes e operários).

Rosely Forganés



O poeta Wander

O autor de "A Mãe e o Filho da Mãe" ganhou projeção nacional cerca de dois anos atrás, após receber o prêmio do Concurso de Contos do Paraná. "A Mãe..." é seu primeiro livro, lançado em 1966; o segundo, "O Menino e o Pinto do Menino", saiu em 1975. Agora, Wander prepara-se para lançar, em 1978, um livro de poesias para crianças, ainda sem título. Wander é redator de notícias policiais de O Estado de Minas. Pelo DDD, o escritor ofereceu aos leitores de AQUI um poema de sua próxima obra:

PROIBIDO PARA MENORES

A primeira vez que fui ao Rio foi com meu pai.

Nós fomos de trem e em dezembro eu me lembro.

Papai ia ver o pai dele, que tinha muito tempo que ele não via.

E eu ia para o meu avô me conhecer e para eu conhecer o avô que eu não conhecia.

Mas eu tinha só 8 anos, e não me deixaram entrar no leprosário.

A tv não será mais a mesma, depois do telejogo

O telejogo, brinquedo para ligar no televisor, lançado com estardalhaço nos jornais, rádio e televisão, vendeu duzentas unidades por dia apenas numa das lojas da capital paulista, nos primeiros 15 dias da campanha, este mês de agosto. A 1.590 cruzeiros cada, foram 318 mil faturados, diariamente. Mas não se trata apenas de sucesso de marketing.

— "O telejogo marca o início de um novo conceito de televisão", diz Udo Bock, da agência CBB&A, que fez a publicidade de lançamento.

O novo conceito: o televisor em casa passa a ser uma espécie de "televitrola"; quer dizer, assim como se coloca disco numa vitrola, passará a ser possível colocar um cassete no televisor e assistir a um programa preferido, a qualquer momento. Claro que o processo não é novidade; novidade é a sua popularização, que vem vindo aí. E o telejogo não passa do primeiro "teste".

Trata-se de um aparelho do tamanho de um amplificador comum, com 34 cm de comprimento, 15 de largura e 5,5 de altura — pesa 1,3 kg. Ligado ao televisor, permite aos jogadores, através dos "controles", brincar de "teletênis", ou "teletênis", ou "teleparedão" (quem ainda não foi bombardeado pela propaganda do novo brinquedo eletrônico?). Nos Estados Unidos já existem 40



Cabral, de óculos escuros, acompanha uma batida policial no bairro paulistano de Santo Amaro, 1968; logo à frente dele, de carabina na mão, "Correinha", agora preso por crimes praticados como integrante do "Esquadrão da Morte".

Mais "barra pesada" na praça, brevemente

Cabral Junior é um repórter-policia, ou seja, o tipo de repórter cada vez mais raro em nossa imprensa: aquele que "caça bandido a unha", capaz de dar um "santo-antônio" (murro) e nocautear marginais, amarrá-los com a própria cinta e levá-los primeiro à redação do jornal, para escrever suas reportagens. Seu primeiro grande feito, há 13 anos, foi um "furo" no início de 1965, quando a polícia desvendou o famoso assalto dos 500 milhões, em que uma quadrilha de gregos atacou um carro pagador do

Banco Moreira Salles. O único jornal que noticiou a prisão dos gregos foi o jornal onde Cabral trabalhava e trabalha até hoje, a Última Hora paulista.

Depois vieram dezenas de outros casos, como o do bandido Saponga, os casos do "Esquadrão", o Bandido da Luz Vermelha, etc. Agora, Cabral está escrevendo um livro. É dele o texto seguinte.

A vingança

Essa aconteceu em 1968. Fui jantar com uma linda jovem de nome Maria Cristina,

num restaurante situado na rua Augusta. O restaurante era de categoria, mas os preços, um verdadeiro assalto. Quando a conta veio quase caí da cadeira, ficando bastante revoltado. Depois de efetuar o pagamento e dar boa gorjeta, pensava em uma forma de ir à forra com o proprietário. Discutir, ficava ridículo perante a jovem que me acompanhava, foi aí então que me ocorreu uma idéia:

Dirigi-me ao caixa e encomendei 4 filés para o dia seguinte. Paguei, exigi uma nota fiscal e fui embora. No dia seguinte peguei 4 mendigos na rua Florêncio de Abreu e fui para o restaurante. Quando cheguei, o porteiro tentou impedir nossa entrada; mandei então chamar o dono, que também não concordou. Telefonei para o 4º Distrito e esclareci ao delegado de plantão que já havia pago a refeição e estava com a nota fiscal, e mesmo assim os donos pretendiam impedir minha entrada e de meus convidados. Uma RP foi ao local e, depois de muita polêmica e da interferência do delegado, fomos autorizados a entrar. Nossa mesa reservada (com flores) ficava no meio do salão e a primeira coisa que pedi é que retirassem os talheres, pois meus convidados preferiam usar as mãos, e eu também não poderia correr o risco deles levarem os talheres.

Resultado: Quero estava no interior do restaurante, e quem chegava, notando os fregueses da mesa do centro, não entravam. Os camponeses da RP ficaram aguardando, para salvar nossa integridade física neste País onde não existem preconceitos.

Cabral Júnior



marcas diferentes e um mercado que vai consumir 13 milhões de unidades este ano. Aqui, segundo as pesquisas da CBB&A, não serão comprados mais que 600 mil por ano. Mas a empresa lançadora, a Philco, acha que compensa, porque já vai associando seu nome à inovação. E quem está comprando o telejogo com tanta voracidade, nesta campanha de lançamento? A pesquisa da agência de publicidade diz que é a família de classe média e alta, principalmente; é o marido quem decide pela compra, mas sempre motivado por uma criança de mais de 8 anos.

— "O telejogo é o primeiro brinquedo eletrônico que me satisfaz. Exige muita atenção e é muito bom para o desenvolvimento das funções motoras", eis a opinião de um comprador, Jorge Kamogawa,

engenheiro-civil, 30 anos, casado, uma filha de 4 anos, morador na região dos Jardins e renda mensal de 43 salários-mínimos.

Jorge Kamogawa, como a maioria dos compradores, nem se preocupa com o preço, e considera o telejogo quase como um artigo necessário — incomodando-se quando ouve falar em "brinquedo". Caso chegue logo o aparelho que permite transformar o televisor em "televitrola", Jorge diz que não compraria nenhum programa dos que existem.

— "De jeito nenhum. Eu compraria documentários esportivos, ténis por exemplo. E se aparecerem novos telejogos, desde que bem diferentes deste, aí sim eu compraria todos."

Nos Estados Unidos já existem duzentos tipos de jogos diferentes.

Inês Godinho

SALADA PAULISTA

Comida a 6 cruzeiros deixa estudantes insatisfeitos. Querem pagar 8,95.

Se o campus da Universidade de São Paulo, aos domingos, vira um imenso parque de diversões, com crianças brincando e escoteiros fazendo excursões no bosque da Biologia, agora pode também virar ponto de encontro noturno dos estudantes. Não é preciso construir nenhuma boate, é só o restaurante do Crusp (Centro Residencial da USP) funcionar no sábado à noite e durante o domingo.

O Crusp in the Box, como é chamado o novo restaurante, já funciona nos outros dias com força total, oferecendo música ambiente, luz direcional, o conforto do vidro fumê e das mesas de acrílico. A comida supervisionada por nutricionistas, é feita por cozinheiros que já trabalharam no Canecão e no Municipal do Rio, e até no Itamaraty. As antigas caixas registradoras foram substituídas por cabines, chamadas de pedágios e a "seleta freguesia", segundo o gerente, não cria problemas "é educada e sorridente".

O restaurante, conhecido também como Cruspão, há muito tempo é um dos maiores problemas da Coseas (Coordenadoria da Saúde e Assistência Social) — responsável inclusive pela demissão do seu antigo diretor, Irineu Strenger. E mesmo depois de todas as modificações, parece que as coisas não estão indo bem. Ou vão indo tão bem, que é melhor não contar pra ninguém, pra não espalhar.

As informações são todas sigilosas, e até o cardápio da semana só pode ser visto com autorização do novo diretor da Coseas, professor André Ricciardi Cruz. O gerente do restaurante, Luiz, é veemente:

— "A Folha e o Estadão já estiveram aqui e eu não falei nada. Não vai ser pra vocês que vou falar".

Por que tanto mistério? Talvez por causa do dinheiro que envolveu a contratação da firma Bierkleuse, para explorar o Crusp in the Box. E deve ter sido um grande negócio para a Bierkleuse, empresa especializada em servir refeições por atacado: atende também a Petrobrás, o restaurante da faculdade de Física, o da faculdade de Química, etc.

Luiz, o gerente do restaurante, também nega qualquer informação sobre o contrato com a Coseas:

— "Isso não interessa, o que interessa é que o restaurante dá 4 mil refeições, e ninguém reclamou da qualidade".

Da qualidade da comida ninguém reclamou, mas o leite servido na semana passada causou diarreia em várias pessoas, e uma classe inteira da Psicologia não pôde assistir aula nesse dia. São três refeições diárias no



restaurante. O café da manhã, com preço único de 4 cruzeiros; o almoço e o jantar a 6 cruzeiros para estudantes; e 17,80 para professores e funcionários. Das 4 mil refeições, 3 mil são consumidas por estudantes. Cr\$ 35.800 por dia, Cr\$ 976.600 por mês. Todo esse dinheiro vai para a Coseas, e daí para a Bierkleuse. Mas se a comida e as instalações melhoraram, por que que dar importância ao dinheiro? O pensamento simples do gerente é endossado pelo diretor da Coseas, que não comenta os protestos estudantis, só dá um risinho de lado.

Para o DCE livre da USP, não-reconhecido pela burocracia universitária, a melhoria foi um "cala-boca" para os estudantes que protestavam:

— Esquecem que nós ainda brigamos para a equiparação do preço da refeição porque na verdade o funcionário é quem paga a diferença, e isso prova que o preço verdadeiro da refeição não é nem 6 cruzeiros, e muito menos 17,80".

O preço "verdadeiro" é 8,95 cruzeiros já que o funcionário paga quase três vezes o preço do estudante. Eis as contas: 35.800 cruzeiros, arrecadação diária do

Crusp, divididos por 4 mil fregueses, Cr\$ 8,95.

— "Na verdade, a refeição vale mais do que um comercial, que dá 16 cruzeiros, diz Luiz, o gerente.

— "Vale o preço de um comercial", segundo a maioria dos estudantes.

No ano passado valia 13,50, conforme o professor Ricciardi. Terça-feira foi servido arroz, feijão, batata corada, bife rolê, alface romana, pão, leite e torta de coco.

E a diarreia causada pelo leite?

— "Não ficou provado que foi o leite".

A seleta e constante freguesia continua reclamando do "esbanjamento inconsequente", mas não impede que a USP vá atraindo novos comerciantes para a exploração dos restaurantes e bares. O mais novo é o do Centro de Vivência, da Química, com terraço ao ar livre e guarda-sol. Os estudantes o chamam de "filial" do Santa Paula Iate Clube.

— "Do jeito que vai, logo logo vão abrir aqui no campus o Shopping Center Butantã".

Sérgio Pinto de Almeida

GRÁTIS

Cultura de graça, de 31 de agosto a 6 de setembro: I) "Casa Tomada", adaptação de Cortázar, direção de Leslie Kirchausen e Luís Piratininga; as 20 h; Escola de Comunicações, UPS. II) Exposição Santos Imaginários; 600 peças: escultura, pintura, gravura, cerâmica etc. Imagens religiosas. Vitalino Filho e outros artistas populares; 140 peças anônimas. Até dia 2, no Paço das Artes, Av. Europa, 158. Fecha 22 h. III) Grupo Amapá, choro, no mesmo Paço, dia 3 às 20h30; e 4, às 17 h. IV) 5º Festival de Teatro Amador, encerramento, T. João Caetano, r. Borges Lagoa, 650, V. Mariana. Dia 31 a partir de 8 da manhã. V) 2º Festival de Música Sacra, dia 3 a partir de 15h30, T. João Caetano. VI) Coral: promoção do Teatro Municipal, no T. Artur Azevedo, R. Paes de Barros, 955, Móoca. Lutero Rodrigues rege o Madrigal Klaus Dieterwolf. Dia 4, 16h30. VII) Segunda Musical, toda segunda às 18h30, no Municipal. Programação definida apenas a cada fim de semana anterior. VIII) Ciclo de Atividades para favorecer "a integração da psicologia com a arte". Palestras, pinturas, filmes. Centro de Psicologia Moderna, r. Antonio Arruda Malheiros, 59, Pinheiros. Até 30 de setembro.



Elvis rebolava, o Ocidente desbundava, e a América enchia o bolso

Reich focalizou sua teleobjetiva nos quadris de Memphis. Não podia crer no que estava acontecendo. O austero tronco da rigidez americana rebolava. Pela primeira vez, cabeça, tronco e membros não se prendiam à dureza calvinista da espinha dorsal. Reich flagrou a mudança deste século na pelvis de Elvis Presley. A voz foi apenas o som contorcionista que saía dessa caixa acústica de liberalidades. Um som redondo, que ia do "country" ao subúrbio e até mesmo às explorações havaianas do grande "colonel" que empresariou o desvario dos anos 50.

Até então, nos Estados Unidos, tudo era calma, luxo e condida voluptuosidade, como cantava o poeta francês. Apenas, apenas Carmen Miranda com dedos, olhos e orelhas, tinha ensinado o corpo aos auditórios de Frank Sinatra e John Wayne. Até então, para os americanos, o homem era um revólver e a mulher, uma virtude. Todos eram duros como autômatos fazedores de justiça, autômatos em cavalos de pau. E as mulheres preparando sopas quakers para os camponeses perseguidos e incendiados. Ninguém se defendia a si mesmo. Todos esperavam pelo super homem que as agências de publicidade já estavam criando.

As grandes negras cantavam salmos pungentes. E as brancas, com dentes perfeitos, nadavam nas piscinas olímpicas das ilusões, comandadas pela grande líder Ester Williams. Só Carmen Miranda sabia o corpo. Só Car-

men Miranda ensinava a beleza múltipla do corpo. Foi ela, tão antes dos sociólogos de Taubaté, como afirma o grande Giba, terem definido o tropicalismo, quem inventou esse pré-tropicalismo, redentor do corpo, das vestes, e portanto dos costumes, pois o hábito faz mesmo o monge. Os sapatos de Carmen Miranda acabaram sendo usados até pelos cow-boys (os midnight) evidentemente. Os cetins de Carmen Miranda fizeram uma longa carreira até os bustiers de Caetano Veloso. Os olhos de Carmen Miranda sustentaram inúmeras fábricas de cílios postiços durante décadas.

Hoje, quando o som livre, numa tacada, imprime o duplo com saudades de Elvis Presley, todos se dizem oriundos do grande Elvis. Elton vem dos Beatles que, por sua vez, vem de Elvis. Todo mundo vem de Elvis. Ele começou o tudo e o nada. O tudo dos outros e o nada para si mesmo. Mas Elvis vem de Carmen Miranda. Isto é, quem começou essa baderna toda foi Carmen Miranda.

Agora, só me resta saber, quem aproveitou. O mundo um pouco, porque carece não leva ninguém a parte alguma, a carece é a plataforma do "status quo". O mundo aproveitou o vazio político do pós-guerra, quando os democratas estavam arrependidos de ser tão democratas, para dar a saída comportamental, já que não conseguiu, ao menos no ocidente, dar a saída dialética. Mudamos os hábitos porque de fato não conseguimos mudar a sociedade. Mas a juventude também aproveitou o surto do rock, pois que, quebrando, começou a quebrar.

Mas quem aproveitou mesmo, aquele proveito mensurável, quantificável, transformável em balanço, não o "balanço das horas", mas o balanço mais completo dos dólares, foi o capital. Elvis morreu para provar que o capital sobrevive à morte, à arte, aos costumes. No dia seguinte de sua morte, em apenas 24 horas, sua herança foi multiplicada por 10. E sua morte foi dividida por milhões. E sua melancolia foi enterrada como um sapo gordo.

Jorge da Cunha Lima

SALADA PAULISTA



Mais um engodo: o disco da Simone é só embalagem

Uma sensação de desacerto percorre a audição do novo disco de Simone (*Face a Face*, da etiqueta EMI-ODEON); alguma coisa falta, alguma coisa excede. Em estética, o comedimento é fundamental: sobra e ausência são pecados irrecuperáveis. Uma verdade da ciência pode ser radicalizada ou diminuída, se se quer investigar seu alcance ou determinar sua precisão. A justeza estética, não. No fazer artístico, opulência e carência cruzam seus caminhos no fracasso. A lógica da fatura na arte é, nesse sentido, malvada. Um esteta alemão dizia: uma grande obra precisa ter sorte nos seus momentos de dúvida. No caso do disco, se os instantes de Simone deixam interrogações, não se pode afirmar que encontrem solução feliz.

Começo o artigo com o tom facilmente qualificado de subjetivista ou mesmo impressionista. Isto não me preocupa muito: prefiro-o à pretensão asséptica da objetividade na análise estética, encurralada entre o positivismo e o vício curto. Mas, falemos de Simone.

Em primeiro lugar, trata-se de um disco convencional. Uma cantora sobre arranjos e acompanhamento, sem grandes fanfarras ou ousadia. Nesse sentido, é um disco contido, discreto mesmo — na acepção ruim. (NOTA: apesar da qualidade dos músicos que atuam, nas diversas faixas, com nomes de Robertinho Silva, Novelli, Nelson Angelo, Milton Nascimento, etc. Isto não conta muito, pois eles acham-se na condição de triviais seguidores, sem chances de colocar finalidades no próprio desempenho do discurso de seus instrumentos. Coisa que, aliás, não é privilégio do disco de Simone).

Mas nem tudo é contenção neste *Face a Face*, como por exemplo, o modo de cantar de Simone; só que, como falta ritmo, transborda-se na outra margem. Sua emissão de voz, sua interpretação, está carregada de maneirismos, revelando afetação. É certo que Simone não procura malabarismos ou virtuosos de emissão. Não cabe nela o contorcionismo de um Cauby Peixoto, titular do fetichismo da voz, que o ouvido distraído toma como norma de bom cantor. O que o canto de Simone abriga em si, como pecado, é o desejo do gesto melodramático, de arroubos sentimentalóides; a busca do efeito, como tentativa de enriquecer expressivamente o assunto proposto pelas canções. Esta teatralização é sempre algo exterior à configuração da obra, funcionando como mero ornato — ou corrompendo, é claro.

Uma das armas do disco, a primeira parceria entre Chico Buarque e Milton Nascimento (*Primo de Maio*), aparece sem munição. Não é, em nada, melhor que a média da produção individual dos dois. De fato, também não se teve sorte na es-



colha do repertório. Descontando-se a versão de *O que será*, as canções apresentam-se sem substância estética, disfarçadas na elegância, na sofisticação e mesmo na vontade de participar, caso de *Começaria Tudo Outra Vez*, de Gonzaga Jr.

No fundo, o disco sai à cata de uma nivelção entre dois tipos de consumidores da canção popular: o pessoal mais severo na crítica — que sempre procura as mercadorias com o selo "cultural" (evidenciado na escolha das assinaturas das composições e dos músicos); e dos candidatos e consumidores de cultura, menos exigentes porém, mais numerosos, que se satisfazem com o verniz e a superfície. Ao final, o disco dispensou a significação consequente e contestadora. A indústria da canção faz o elogio de si própria e o engodo continua. *Matinas Suzuki*



Homem com mulher! Mas quem não gosta não é 'anormal'.

A hipótese de "sintomas" de homossexualidade tem que ser bem entendida, pois o uso de um termo médico não quer dizer em absoluto que quero reconduzir a homossexualidade à condição de doença. Também não quero descartar esta hipótese tão simploriamente quanto o fizeram os americanos. Uma coisa que não conhecemos não pode ser catalogada de doença. Porém, a recíproca também é verdadeira: se a origem da homossexualidade é desconhecida, não se pode dizer que seja normal.

Um dado importante à nossa disposição é que a homossexualidade pode assumir o caráter epidêmico em determinados períodos da história da humanidade (epidêmico usado outra vez sem conotação obrigatória de doença). Apareceu tanto em períodos de apogeu (Grécia) como em decadência (Roma) e não apenas em períodos de decadência, como se costuma fa-

lar. O fato da homossexualidade poder transformar-se numa conduta muito comum em determinados momentos e quase desaparecer em outros, faz com que se pense que alguns fatores sociais são muito importantes.

Em particular, a homossexualidade deve ser influenciada pelo modo como se dão as relações interpessoais em geral, especialmente o relacionamento homem-mulher. E é bem provável que em períodos especiais da história da humanidade os relacionamentos humanos sejam mais intensamente alterados.

A minha idéia é a seguinte: o impulso sexual humano é de natureza heterossexual essencialmente. Porém, sob a influência de algumas variáveis importantes, pode assumir o caráter homossexual. E estas variáveis podem ser de dois tipos: aquelas que determinam um bloqueio no natural envolvimento homem-mulher (dificuldades especialmente aumentadas no relacionamento entre homens e mulheres); e as variáveis que determinam uma facilitação muito especial do envolvimento homem-homem.

Em outras palavras, o curso habitual da sexualidade humana (que é heterossexual) pode ser alterado por fatores que dificultam o bom entendimento homem-mulher ou por fatores que tornem especialmente favoráveis o entendimento homem-homem.

Estou falando aqui da homossexualidade masculina, que me parece muito mais frequente e mesmo mais importante. Na história da humanidade, só muito recentemente a mulher passou a ter significado, e ainda assim de um modo muito especial, que voltarei a discutir.

Flávio Gikowatz.

Quebra-cabeça: como casar democracia com renda altamente concentrada?

Intelectual de esquerda talvez seja pleonismo. Desde quando

surgiu no século XVIII, a palavra intelectual designava a oposição à ordem vigente. E hoje, mais do que nunca, o intelectual, cujo interesse é o conhecimento da totalidade da sociedade, tem de escolher entre ruptura e reação. O vaticínio de Zola continua ainda de pé: qualquer assunto, discutido com profundidade, desagua na avaliação do socialismo. Terceira via não há. Capitalismo ou socialismo, essa é a opção inscrita na história desde 1848. Tanto faz no centro como na periferia do sistema: opção histórica, nesse sentido, é a mesma.

Hoje no Brasil se visualiza a articulação, de frente composta, a favor das liberdades democráticas e a organização livre dos trabalhadores, que viram seus sindicatos asfixiados em 1964. Nesse processo o intelectual (tomado, vá lá, no sentido elástico de quem lida com idéias) finca posição: a favor ou contra. Há, é claro, os embro-

madores, que falam em liberdades democráticas mas continuam atrelados ao poder. São os comensais da ordem, tipo Gilberto Freyre e Walmireh Chacon. Excluídos os vulgares apologetas, o atual momento histórico coloca aos intelectuais um desafio semelhante ao de 1945.

Penso na Plataforma da Nova Geração, empreendimento político-cultural cujo objetivo era o combate a todos os cacetes do reacionarismo. Hoje tal empreendimento deveria, no entanto, ir além; exigiria a discussão teórica, aprofundada e sem preconceitos, dos possíveis históricos no Brasil. A questão é complicada, mas tem de ser posta, ou reposta. A luta pela redução da exploração do capital (que engloba a palavra de ordem das liberdades democráticas) é saudável, de vez que o "modelo" de desenvolvimento extrai sua acumulação da contenção dos salários. Mas há um limite: como conciliar liberdades democráticas com alta concentração de renda (núcleo do tripé multinacionais-capital nacional privado-Estado empresarial) no atual estágio monopolista do capitalismo dependente?

Convém não empoeirar a memória: para salvaguardar a reprodução do capital em 1964, nossa burguesia complacente subordinou-se ao capital estrangeiro, escanteou o Estado de Direito e pôs fim ao sonho da autonomia nacional. Tendo isso em mira, faz sentido a discussão da outra alternativa histórica, embora o agente que poderá realizá-la encontre-se ainda embotado.

Foi-se a época do intelectual brasileiro se agarrar no tédio à controvérsia; passou também a fase do tédio sem controvérsia, o perigo agora, reconheço, são as controvérsias tediosas, que podem revestir-se de um radicalismo político abstrato. Mas esse risco teórico vale a pena: os mortos não podem governar os vivos.

Gilberto Vasconcellos

Véspera de Aquarius

Jorge do Cunha Lima

Prosa poesias informações

Um livro que fala de um tempo que você gostaria de esquecer o presente. Editora Paz e Terra. Em todas as livrarias Cr\$ 50,00



Pastas móveis e suspensas duram anos.

ankog



M. KOGAN & CIA. LTDA. Rua 7 de abril, 264/8º andar - s/817-18-19 Fones: 34-0218/34-2813

HIGIENÓPOLIS

Tem uma livraria com discos e som polivox

V que reside na barra de Higienópolis conta com mais esta facilidade tem uma livraria bem próxima de V. Visite-nos: só nos dará prazer ou então faça seu pedido de livros ou discos, pelos telefones 66-2763 ou 66-8564 e nós os enviaremos sem nenhum acréscimo.

Papelaria M.G. Livraria Rua Sergipe, 768

AQUI

UM JORNAL A FAVOR DA INTELIGÊNCIA



*"O samba, a prontidão e outras
bossas são nossas coisas, são coi-
sas nossas"*

(Noel Rosa)